

# AZUL GERAL

|| ERNESTO PENAFORT ||





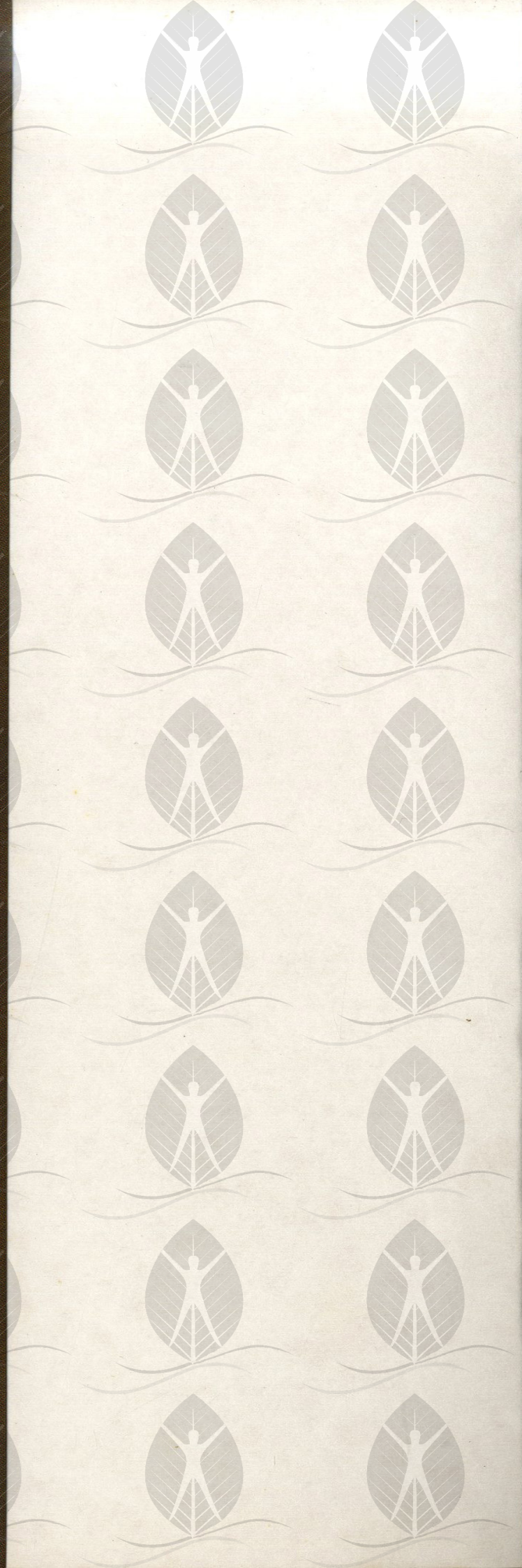
**A**zul geral, livro de estréia de Ernesto Penafort, é uma obra toda plasmada por profunda carga subjetiva, e forte densidade poético-existencial, o que evidencia ressonâncias da vertente neo-simbolista do movimento Madrugada.

O nosso poeta, no afã de chegar aos mistérios das coisas, trava com o mundo exterior, com o real, um diálogo subjetivo, mediatizado não pela razão, mas pela sensibilidade. O poema “Mar acústico”, de *Azul geral*, é uma evidência desse anseio de desvelamento. O mar é azul, evocando a idéia de infinito e expressando um universo cheio de mistérios, manifestos em sinais que esperam para ser decifrados.

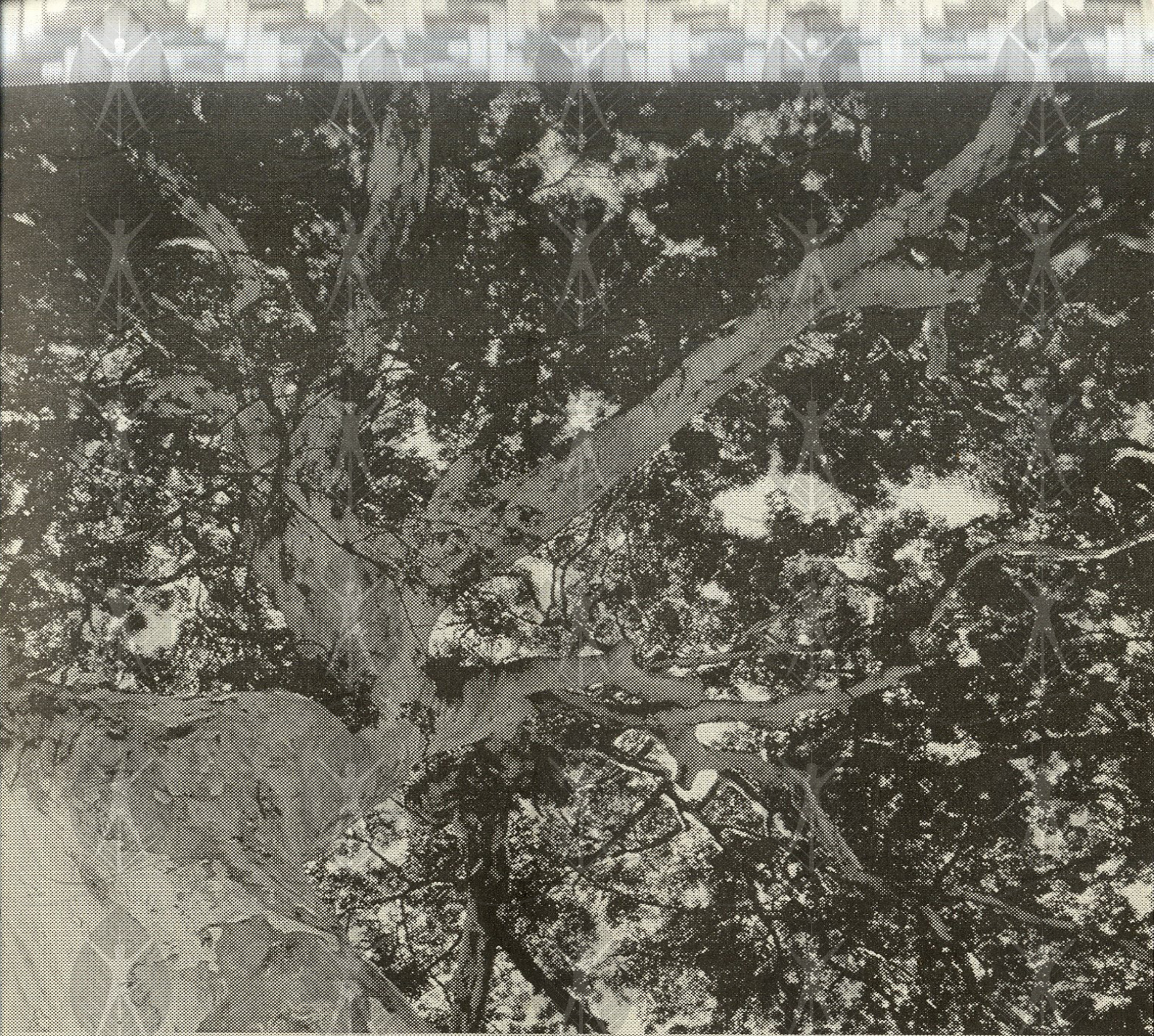
Quantos de nós estão dispostos a ir além da aparência? Ainda conseguem ver, perceber? O poeta nos convida a desvelar esses mistérios:

*há mistérios no mar,  
as algas nos transmitem seus lamentos.  
há segredos no mar,  
as praias os recolhem feito conchas.*

Como o fazer literário não é algo uniforme, mas um espelho matizado de cores e nuances, o caráter subjetivo, simbólico de sua poesia, nada mais é que a expressão de uma lírica com forte conotação subjetiva, metafísica. A poesia de Penafort possui vínculos evidentes com o discurso poético da







C O L E Ç Ã O  
**RESGATE**

COORDENAÇÃO: TÊNÓRIO TELLES







GOVERNO DO ESTADO DO  
**AMAZONAS**

---

Governador do Estado do Amazonas  
*Eduardo Braga*

Vice-Governador  
*Omar Aziz*

Secretário de Estado da Cultura  
*Robério dos Santos Pereira Braga*

Secretária-Executiva  
*Delzinda Barcelos*

Coordenador de Edições  
*Antonio Auzier*

---

CO-EDIÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

Reitor  
*Hidembergue Ordozgoith da Frota*

Editor  
*Renan Freitas Pinto*

\*\*\*

UNI-NORTE

Presidente  
*Waldery Areosa*

Reitora  
*Maria Ercília Tribuzy*

---

Esta obra foi realizada em co-edição pela Editora Valer,  
Governo do Estado do Amazonas, Edua  
e UniNorte, com o patrocínio da Fundação Rede  
Amazônica e Rymo da Amazônia.

---

EDUA

UniNorte  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO NORTE

FUNDAÇÃO  
REDE AMAZÔNICA

Rymo  
RYMO DA AMAZÔNIA





# AZUL GERAL

*2ª edição*

---

||| ERNESTO PENAFORT |||

---

Valer  
EDITORA

CULTURA  
Edições  
Governo do Estado

EDUA



Copyright © (desta edição) Editora Valer, 2005

Editor | Isaac Maciel

Coordenação Editorial | Tenório Telles

Projeto Gráfico | Lo-Amami Santos e Wilson Prata

Revisão | Marcos Sena  
Sergio Luiz Pereira

Fotos da capa e do miolo | Paulo Pereira  
Edimar Barros  
Sérgio Fonseca  
Wilson Prata

Ficha Catalográfica | Ycaro Verçosa

P397a Penafort, Ernesto.

Azul Geral. / Ernesto Penafort. Organização: Tenório Telles. 2ª edição. – Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas / Edua / UniNorte, 2005.

80 p.

ISBN 85-7512-161-8

1. Literatura brasileira (Amazonas) – Poeisa. I. Título.

CDU 82-1(811.3)

Editora Valer  
Rua Ramos Ferreira, 1195  
69010-120, Manaus-AM  
Fone: (0xx92) 633-6565  
E-mail: editora@valer.com.br  
www.valer.com.br

Editora da Universidade Federal do  
Amazonas  
Rua Monsenhor Coutinho, 724 – Centro  
69010-110, Manaus-AM  
Telefax: (0xx92) 231-1139  
E-mail: edua@fua.br






*A Terra é azul.*

Yuri Gagárin









Aos meus pais, que já partiram.









Aos meus irmãos,  
principalmente Elísio,  
que nunca conheci.









Aos companheiros do Clube da Madrugada.









Este livro  
é para Frank Abraham.







# SUMÁRIO

---

Clube da Madugada – 50 anos de História . . . . .	19
Apresentação . . . . .	21

## AZUL GERAL

Soneto . . . . .	33
Canção da rua e de mar . . . . .	34
Soneto . . . . .	35
Da Negra e em derredor . . . . .	36
Soneto . . . . .	37
Poemática . . . . .	38
Soneto do olhar azul . . . . .	39
Poema . . . . .	40
Do poeta e seus elementos . . . . .	41
O Touro . . . . .	42
O Bandoleiro azul . . . . .	43
Matinal . . . . .	44
A Vassoura . . . . .	45
Agridoce . . . . .	46
Lago/tempo . . . . .	47
Soneto do relógio de pulso . . . . .	48
Momento . . . . .	49





Soneto do objetivo maior .....50

Para antes do geral amanhecer .....51

Quase soneto a Ofélia .....52

Ressonância .....53

Soneto do azul irreal .....54

Da Atitude dialética tendo o mar em frente .....55

Soneto do muro azul .....56

Mineraldição .....57

Mar acústico .....58

Soneto último da revelação derradeira .....59
















#### AS INSTRUÇÕES

Instrução nº 1 .....65

Instrução nº 2 .....66

Instrução nº 3 .....67

Ernesto Penafort – Vida e Literatura .....69







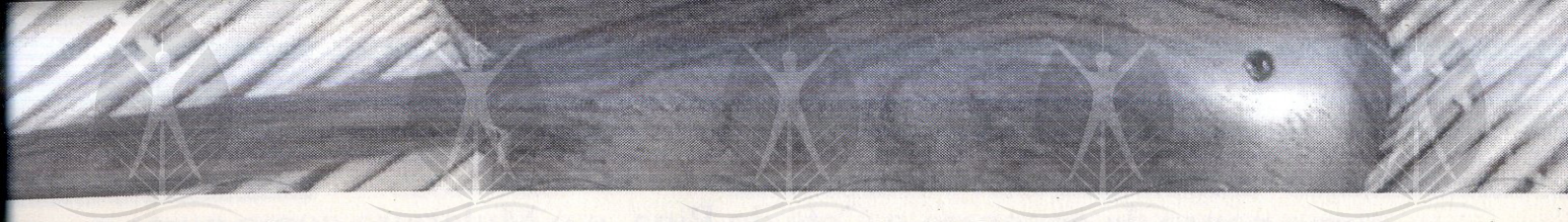
CLUBE DA MADRUGADA – 50 ANOS DE HISTÓRIA











## CLUBE DA MADRUGADA – 50 ANOS DE HISTÓRIA

A literatura é um dos frutos da civilização. O escritor é o cronista do seu tempo, a quem cabe a tarefa de registrar, através de seus escritos, os anseios e inconstância da condição humana. Instrumento do criador, a linguagem nasceu do desejo de evocar o espanto e o fascínio do ser humano diante do mundo – sua magia, cores, formas e beleza.

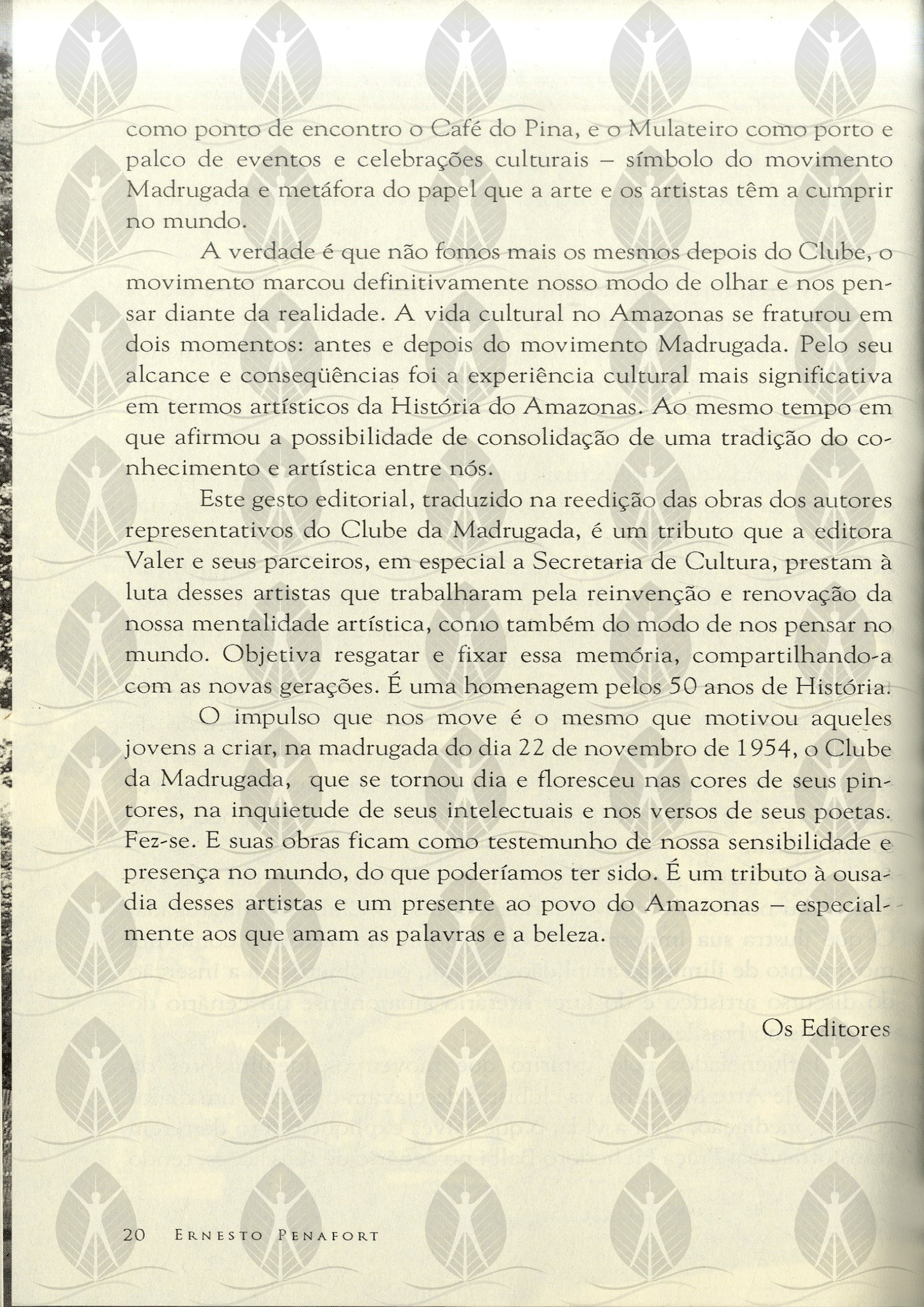
O legado dos intelectuais e artistas que escreveram a História do Clube da Madrugada é uma evidência da missão que cabe aos criadores e dos compromissos que têm com a vida, com a arte e com a depuração espiritual do ser humano. O Clube nasceu da inquietação de seus jovens fundadores diante da realidade provinciana que os sufocava e do desejo de renovação da mentalidade cultural e transformação das condições de vida da sociedade.

Movidos por um forte anseio de liberdade, os artistas e intelectuais que lançaram as bases do movimento viviam um anseio de mudança na cultura e na vida. Objetivavam realizar uma arte identificada com a realidade regional, retratando os habitantes desse vasto mundo verde em suas medidas, desmistificando-os e enfocando-os de forma crítica.

Esse desejo de atualização cultural e renovação das artes se constituiu num dos objetivos fundamentais do Clube da Madrugada. O que ilustra sua importância e seu significado histórico como um movimento de ilimitada amplidão cultural, que objetivava a inserção do discurso artístico e do fazer literário amazonense no cenário do Modernismo brasileiro.

Influenciados pelo espírito que moveu os idealizadores da Semana de Arte Moderna, os clubistas desejavam o novo e um diálogo, sem mediação, com a vida, o que talvez explique o fato de terem transformado a Praça Heliodoro Balbi no cenário de suas ações, tendo





como ponto de encontro o Café do Pina, e o Mulateiro como porto e palco de eventos e celebrações culturais – símbolo do movimento Madrugada e metáfora do papel que a arte e os artistas têm a cumprir no mundo.

A verdade é que não fomos mais os mesmos depois do Clube, o movimento marcou definitivamente nosso modo de olhar e nos pensar diante da realidade. A vida cultural no Amazonas se fraturou em dois momentos: antes e depois do movimento Madrugada. Pelo seu alcance e conseqüências foi a experiência cultural mais significativa em termos artísticos da História do Amazonas. Ao mesmo tempo em que afirmou a possibilidade de consolidação de uma tradição do conhecimento e artística entre nós.

Este gesto editorial, traduzido na reedição das obras dos autores representativos do Clube da Madrugada, é um tributo que a editora Valer e seus parceiros, em especial a Secretaria de Cultura, prestam à luta desses artistas que trabalharam pela reinvenção e renovação da nossa mentalidade artística, como também do modo de nos pensar no mundo. Objetiva resgatar e fixar essa memória, compartilhando-a com as novas gerações. É uma homenagem pelos 50 anos de História!

O impulso que nos move é o mesmo que motivou aqueles jovens a criar, na madrugada do dia 22 de novembro de 1954, o Clube da Madrugada, que se tornou dia e floresceu nas cores de seus pintores, na inquietude de seus intelectuais e nos versos de seus poetas. Fez-se. E suas obras ficam como testemunho de nossa sensibilidade e presença no mundo, do que poderíamos ter sido. É um tributo à ousadia desses artistas e um presente ao povo do Amazonas – especialmente aos que amam as palavras e a beleza.

Os Editores





## APRESENTAÇÃO

Tenório Telles\*

*Azul geral*, livro de estréia de Ernesto Penafort, é uma obra toda plasmada por profunda carga subjetiva e forte densidade poético-existencial, o que evidencia ressonâncias da vertente neo-simbolista do movimento Madrugada.

O poeta, no afã de chegar aos mistérios das coisas, trava com o exterior, com o real, um diálogo subjetivo, mediatizado não pela razão, mas pela sensibilidade. O poema “Mar acústico”, da obra *Azul geral*, é uma evidência desse anseio de desvelamento. O mar é azul, evocando a idéia de infinito e expressando um universo cheio de mistérios, manifestos em sinais que esperam para ser decifrados. Quantos de nós estão dispostos a ir além da aparência? Ainda conseguem ver, perceber? O poeta nos convida a desvelar esses mistérios:

*há mistérios no mar,  
as algas nos transmitem seus lamentos.  
há segredos no mar,  
as praias os recolhem feito conchas.*

Como o fazer literário não é algo uniforme, mas um espelho matizado de cores e nuances, o caráter subjetivo, simbólico de sua poesia, nada mais é que a expressão de uma lírica com forte conotação subjetiva, metafísica. A poesia de Penafort possui vínculos evidentes com o discurso poético da chamada tendência espiritualista da poesia brasileira, representada principalmente por Murilo Mendes e

\* Tenório Telles é escritor, professor de Literatura e autor do CD-Rom *O Amazonas em sua literatura* e da peça *A Derrota do mito*. É membro da Academia Amazonense de Letras.



Jorge de Lima. Esses autores elaboraram uma linguagem poética fundada na esfera cósmica, transcendente da vida, numa tentativa de conexão do ser, do homem com a totalidade, com o divino.

A obra de Ernesto Penafort é cheia de ressonâncias visuais, sonoras, com uma plasticidade luminosa que nos faz lembrar uma pintura impressionista. A marca que define e explica sua obra é o azul. Entretanto, o poeta esclarece que há um azul irreal, fenomênico, que envolve o mundo.

O azul de que é feito o seu canto é orgânico, exprime o desapego aos valores deste mundo e arremesso da alma liberada em direção a Deus, ao transcendente. O azul tem, em sua poesia, profunda significação metafísica, mas só se chega a ela, à verdade que essa cor expressa, se atravessarmos a aparência que envolve as coisas e o mundo, a ilusão de nossos sentidos.

A poesia azul de Penafort é um eco, uma lâmina que corta a superfície opaca, agreste desse nosso tempo rubro, desértico. E nos induz a um questionamento sobre nossa percepção do mundo, da realidade. O poeta nos convida a refletir sobre a aparência dos objetos, pois a verdade não é uma coisa tão evidente, mas algo recôndito, escondida sob a pele da mentira. Segundo o pintor russo Kandinsky, o azul tem uma carga de profundidade permeada por uma gravidade solene supraterrana.

Consiste a poesia de Penafort num itinerário dessa busca do sentido interior, orgânico da vida. O azul é o símbolo, a expressão dessa verdade que pretende alcançar, projeção da felicidade, da pureza, da paz que não encontrara no mundo. O poeta vivia no limite do ser, compreendia que a renúncia, o não-ser, era uma condição para se chegar ao azul.

Embora muitos não alcancem essa dimensão transcendente, não cheguem a uma verdadeira percepção da vida, é possível alcançá-la, penetrar em sua substância impalpável, sentir o inefável. O espaço e o tempo são dimensões a que se ligam a figura espacial, o céu. Constituem o todo que nos envolve. Como o poeta sente com os



olhos, a visão é o canal por onde se percebe o mundo, o caminho que liga o homem ao mágico, às verdades que encerram a existência.

Quanta poesia e profundidade se encontra na afirmação de Platão, ao dizer que filosofar é contemplar o mundo. É vê-lo, senti-lo com os olhos, com os sentidos, deixar-se invadir pelos seus mistérios. Penafort compreendeu a verdade que fundamenta a afirmação do filósofo grego, não sendo outra a razão de conceber o olhar como o sentido privilegiado, ponte para a comunhão do homem com a totalidade, com o inefável, como prefere o poeta, com o azul.

Para Ernesto Penafort, olhar o mundo não é um ato gratuito, mas um desafio, condição para se chegar à verdade intrínseca das coisas. O poeta é um navegante solitário que singra a superfície impalpável do tempo, contempla a profundidade das águas, o regurgitar da vida, a face vazia do desconhecido, o movimento misterioso do cosmo. Penafort não hesita diante da face trágica da existência humana, pelo contrário, funde-se nela, embebe seus olhos de seus tons cinza e sombrios, sente-lhe o cheiro, a frieza de sua voz cansada.

Não há como falar da vida, do mundo, do tempo sem conhecer-lhe a face, os olhos. E o caminho é o olhar, não qualquer olhar, mas o olhar azul, símbolo da profundidade e da verdade. Facho de luz a queimar a pele das trevas. Só o azul possui a claridade necessária para revelar o que está recôndito, envolto pelas sombras. Como diz o poeta, no seu "Soneto do olhar azul", da obra *Azul geral*, um olhar noturno pouco revela da verdade que encerra a existência. É, antes, a percepção de um rio, o rio outro, que nasce no passado e escorre através da memória, como diz, cujo leito é de sal e de agonia. Por sobre a superfície das águas desse rio não flutua... a luz do dia:

*de azul, azul demais é a luz dos olhos  
que espiam em constante claridade  
o escorrer, como um rio, uma cidade  
com seus becos e sombras – vãos mistérios.  
estranhamente azul é a luz dos olhos  
que se alçam como pássaros – aéreos*



*de azul e luz – suspensos de saudade;  
e de onde escapa um rio (o rio outro)  
cujo leito é de sal e de agonia,*

Penafort concebe o tempo em seu destilar, substância imaterial, fluida. Poeta das coisas impalpáveis, do azul, do vento, da luz, do mar, do tempo. Do ser. Sua poesia é a evidência de uma dor que o dilacera, de um ser agônico, renunciado, pois, como dizia: “O poeta é um território em permanente degredo”. Daí talvez o seu refúgio no azul, estratégia para escapar da atmosfera cinzenta desse nosso tempo vazio e triste.

O azul é a cor da revelação, luz, olhar que desvela, evidência da dor, do sofrimento, mas, ao mesmo tempo, acalma, tranqüiliza. Caminho que conduz ao infinito, ponto de fusão do real e do imaginário. Tudo desaparece no azul, funde-se, como um pássaro na superfície celeste. O azul é a cor do pássaro da felicidade, o pássaro azul, inacessível embora tão próximo.

A produção poética de Ernesto Penafort surge sob os influxos dos anos convulsivos do final da década de 60 e início dos anos 70. Foi uma época marcada por guerras e protestos, a derrota americana no Vietnã, a ditadura militar no Brasil e na América Latina, as barricadas dos estudantes em Paris e na Europa, que ousaram enfrentar o passado, desafiar seus pais e o poder.

Em nível regional, a província continuava à deriva, desconhecida de seu destino histórico, com sua elite política, mesquinha e oportunista, negociando tudo, inclusive a alma, o futuro. A implantação da Zona Franca, em 1967, representou uma guinada definitiva nos destinos da região. O progresso chegou por decreto, não como resultado natural de nosso desenvolvimento histórico. Teve um caráter desagregador, culminando no desenraizamento de vastos contingentes populacionais da Amazônia, resultando no esvaziamento do interior e inchamento de Manaus, diferente do que ocorreu no período do monopólio da borracha em que o interior do Estado e da Amazônia foi invadido por milhares de nordestinos. Nosso processo histórico sempre teve um caráter flutuante, afluyente. Somos um povo nascido



sob o signo da tragédia e da desolação. Essa nossa condição trágica não escapou à percepção e sensibilidade de Ernesto Penafort, como se observa no poema “Soneto”, do livro *Azul geral*:

*vieram ventos, choveu do intento puro  
o desejo de ser, no qual se cria:  
pronto a rosa estendida falecia  
sob o sol e silêncio no chão duro.  
várias chuvas passaram. hoje banho  
noutras águas a vida, pois, de antanho,  
só a luz do teu rosto é que me ocorre,  
entre silêncio e sol, mas, como tudo,  
se incorpora, no tempo, a um fruto mudo:  
sob o sol e silêncio nasce e morre.*

Esse fraturamento, essa descontinuidade tiveram profundos reflexos sobre nossa cultura, em particular sobre nosso fazer literário, funcionando como sorvedouro de nossos sonhos e esperanças. Não é sem razão que até o Clube da Madrugada, movimento que surgiu para resistir e superar nossos impasses culturais e políticos, vai ser atingido por esses influxos, perdendo pouco a pouco a dinâmica e a vitalidade que o caracterizaram nos seus primeiros anos. Os artistas, diante do emparedamento, do sufocamento a que estão sujeitos, têm como saída a resistência.

Ernesto Penafort resistiu quanto pôde à desolação, ao silêncio a que estão condenados os artistas nesta terra. Poeta sensível, travava um combate interior, subjetivo com a realidade, daí talvez o mal-estar, a atmosfera agônica de sua poesia.

Penafort era um homem que queria sossego, paz, tranquilidade para amar e viver sua solidão. Sua poesia é uma evidência da tragédia existencial do ser humano contemporâneo, réquiem para um tempo agonizante, do qual sentiu o cheiro apodrecido, a presença da morte a enraizar-se silenciosa na alma.

Apesar dessa aguda percepção da dor, do sofrimento, o poeta tinha fé, acreditava na possibilidade da felicidade, num possível azu-



lecer da vida. O poema “Do Poeta e seus elementos”, que aparece tanto no livro *Azul geral*, quanto no *A Medida do azul*, é uma evidência da condição do poeta no mundo e sua luta para construir a utopia, o sonho, a nação que, como diz, anda à procura:

*o poeta é um território  
em permanente degredo.  
o poeta, por incrível,  
sente frio, e sente medo.  
o poeta é um promontório,  
além da mão como um dedo.  
(...)*

*o poeta é um território  
limitado por si mesmo.  
se às vezes por ilusório,  
parece que anda a esmo,  
é exatamente o inverso:  
o poeta é um promontório.  
procurando mais um verso  
para urdir o seu poema,  
(que absurda tessitura!)  
instaurando no universo  
a nação que anda à procura.*

A quase obsessão de Ernesto Penafort pelo azul é uma forma de negação, de resistência do poeta a esse mundo em tons cinza, duro, trágico. Em alguns poemas, Penafort se mostra menos agônico diante da existência, intenta um diálogo mais fraterno com o mundo, ainda assim plasmado numa intensa densidade poética. A obra de nosso autor é um convite ao desvelamento do ser, das coisas, do sentido, da verdade recôndita, contida em cada objeto.

*A Medida do azul* é o que o autor chama de arguto perceber. Perceber sutil, inteligente. Percepção clara, transparente, azul do mundo. Mas o poeta sabe que não basta perceber, contemplar a vida,



o horizonte, daí dizer que tão importante quanto ver é o ter desta vida aonde chegar. E a vida é um devir, um vir-a-ser constante, um retorno ao princípio de tudo, sendo o azul uma projeção, o principiar, o início do infindável. O ser humano nasce, mas sempre volta ao inefável, integra-se à totalidade, sendo o azul o caminho, o princípio:

*a medida do azul é o estender-se  
do olhar por sobre os seres. Esse arguto  
perceber que se tem de não mover-se  
o objeto – já por ser absoluto.*

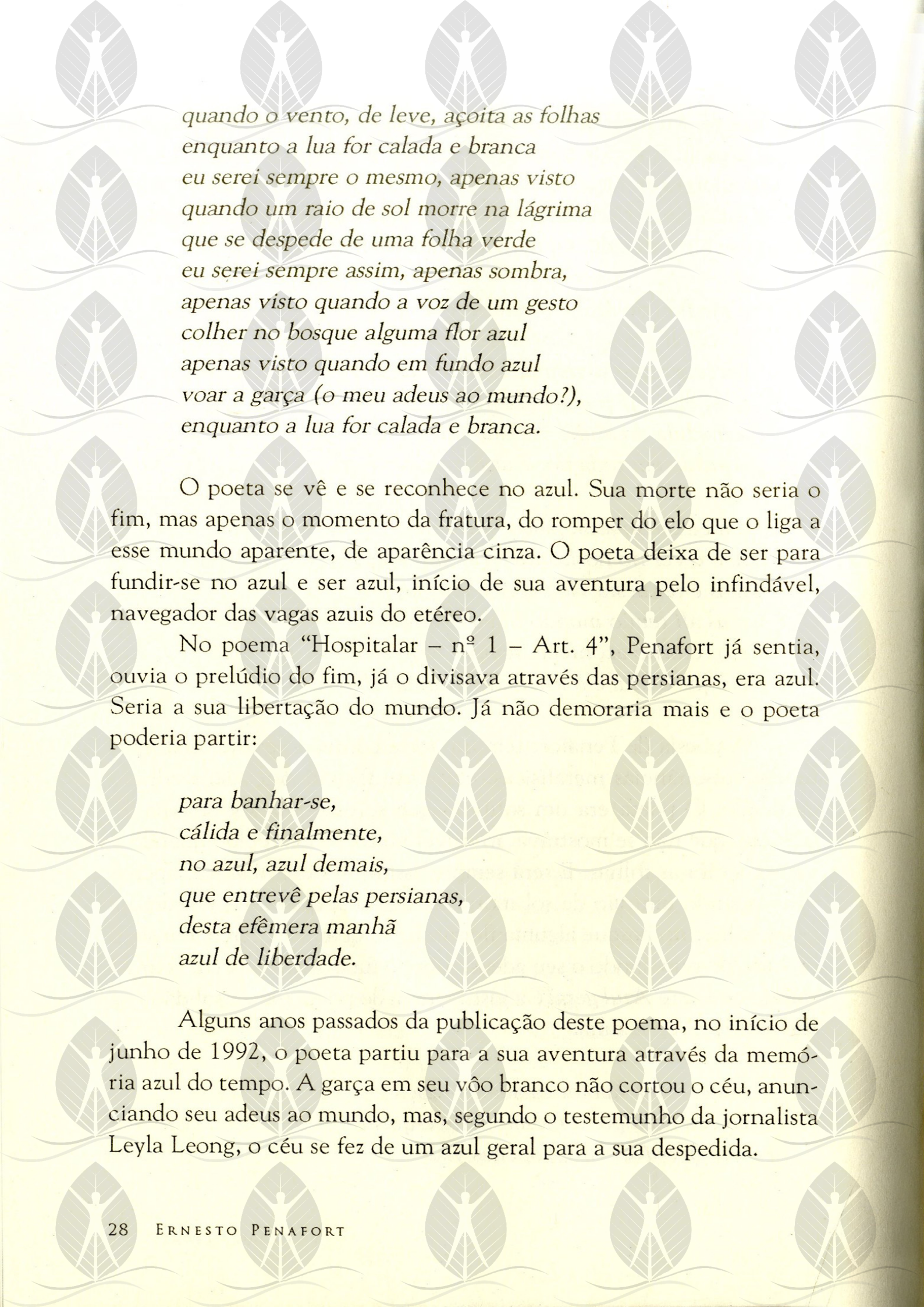
*a medida do azul é ver um luto  
contido em toda flor e abster-se,  
(...)*

*a medida do azul, pelo contrário,  
não é ver no horizonte o fim do olhar,  
mas é ter desta vida aonde chegar,  
pois ali tem o mundo o seu ovário:  
e o retorno acontece, sempre estável,  
eis que o azul é o início do infindável.*

A poesia de Penafort tem um forte conteúdo existencial, profundas ressonâncias metafísicas, um corte filosófico a adensar-lhe o conteúdo. O poeta era um solitário que se escondia sob a capa do silêncio, que não se mostrava, invisível vulto, só percebido quando o vento açoita as folhas. E será sempre assim, triste e obscuro, apenas visto quando um raio de sol morre na lágrima, quando a voz de um gesto colher no bosque alguma flor azul. Ou quando a garça, em sinal de luto, prenunciando o seu adeus, sobre o fundo azul do céu, voar. O soneto que abre *Azul geral* é a justificativa do poeta para a solidão que lhe morde o ser, a alma:

*enquanto a lua for calada e branca  
eu serei sempre o mesmo, este esquisito,  
este invisível vulto, apenas visto*





*quando o vento, de leve, açoita as folhas  
enquanto a lua for calada e branca  
eu serei sempre o mesmo, apenas visto  
quando um raio de sol morre na lágrima  
que se despede de uma folha verde  
eu serei sempre assim, apenas sombra,  
apenas visto quando a voz de um gesto  
colher no bosque alguma flor azul  
apenas visto quando em fundo azul  
voar a garça (o meu adeus ao mundo?),  
enquanto a lua for calada e branca.*

O poeta se vê e se reconhece no azul. Sua morte não seria o fim, mas apenas o momento da fratura, do romper do elo que o liga a esse mundo aparente, de aparência cinza. O poeta deixa de ser para fundir-se no azul e ser azul, início de sua aventura pelo infindável, navegador das vagas azuis do etéreo.

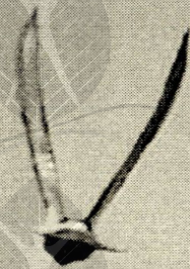
No poema “Hospitalar – nº 1 – Art. 4”, Penafort já sentia, ouvia o prelúdio do fim, já o divisava através das persianas, era azul. Seria a sua libertação do mundo. Já não demoraria mais e o poeta poderia partir:

*para banhar-se,  
cálida e finalmente,  
no azul, azul demais,  
que entrevê pelas persianas,  
desta efêmera manhã  
azul de liberdade.*

Alguns anos passados da publicação deste poema, no início de junho de 1992, o poeta partiu para a sua aventura através da memória azul do tempo. A garça em seu vôo branco não cortou o céu, anunciando seu adeus ao mundo, mas, segundo o testemunho da jornalista Leyla Leong, o céu se fez de um azul geral para a sua despedida.



# AZUL GERAL











*não sou nada.*

.....

*à parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.*

Fernando Pessoa









SONETO

enquanto a lua for calada e branca  
eu serei sempre o mesmo, este esquisito,  
este invisível vulto, apenas visto  
quando o vento, de leve, açoita as folhas.  
enquanto a lua for calada e branca  
eu serei sempre o mesmo, apenas visto  
quando um raio de sol morre na lágrima  
que se despede de uma folha verde.  
eu serei sempre assim, apenas sombra,  
apenas visto quando a voz de um gesto  
colher no bosque alguma flor azul  
voar a garça (o meu adeus ao mundo?),  
enquanto a lua for calada e branca.





CANÇÃO DA RUA E DE MAR

no íntimo destas águas  
tão claros mistérios vivos  
se plasmam em líquido leiteo  
– que areias fundas, ó mar.

no sobreleito das ondas  
os barcos tontos de antanho  
regressam fartos de mar  
– és além-leiteo, ó luar.

na vontade destas ruas  
malvasia é o sol e o ar,  
onde os homens impassantes  
salivam sobre um lagar.

– ó ruas do desamar.  
ó rua, leiteo do ar.





SONETO

noutros tempos, olinda, eras futuro.  
sob sol e silêncio se descia  
ao vale, e o vale pressentia  
a intenção dos abraços, além-muro.  
vieram ventos, choveu do intento puro  
o desejo de ser, no qual se cria:  
pronto a rosa entendida falecia  
sob sol e silêncio no chão duro.  
várias chuvas passaram. hoje banho  
noutras águas a vida, pois, de antanho,  
só a luz do teu rosto é que me ocorre,  
entre silêncio e sol, mas, como tudo,  
se incorpora, no tempo, a um fruto mudo:  
sob sol e silêncio nasce e morre.





DA NEGRA E EM DERREDOR

pentagrama de nervos  
o corpo esgalgo  
(claro ritmo  
livre lúcido)  
sustém-se no ar de sons  
inscrito de soluços.





SONETO

o astuto poder da imagem,  
no saber-se irrefletida,  
foge a sombra dos teus olhos  
por mais que a queiras na vida.  
e se teus olhos abrigam  
tantas ânsias de infinito,  
há muito custo retêm  
a imagem viva de um grito.  
mas se não foram vetados  
os teus caminhos havidos,  
(que dirão teus pés gretados?)  
pelo instinto pressentidos,  
por que sombras de desgosto  
contrastando a luz do rosto?





POEMÁTICA

a camisa  
exausta sobre a pedra  
era a pausa do trabalho.

adquirira energias durante todo o dia  
e descansava agora  
do suor absorvido.

nunca vazia  
do operário no banho.

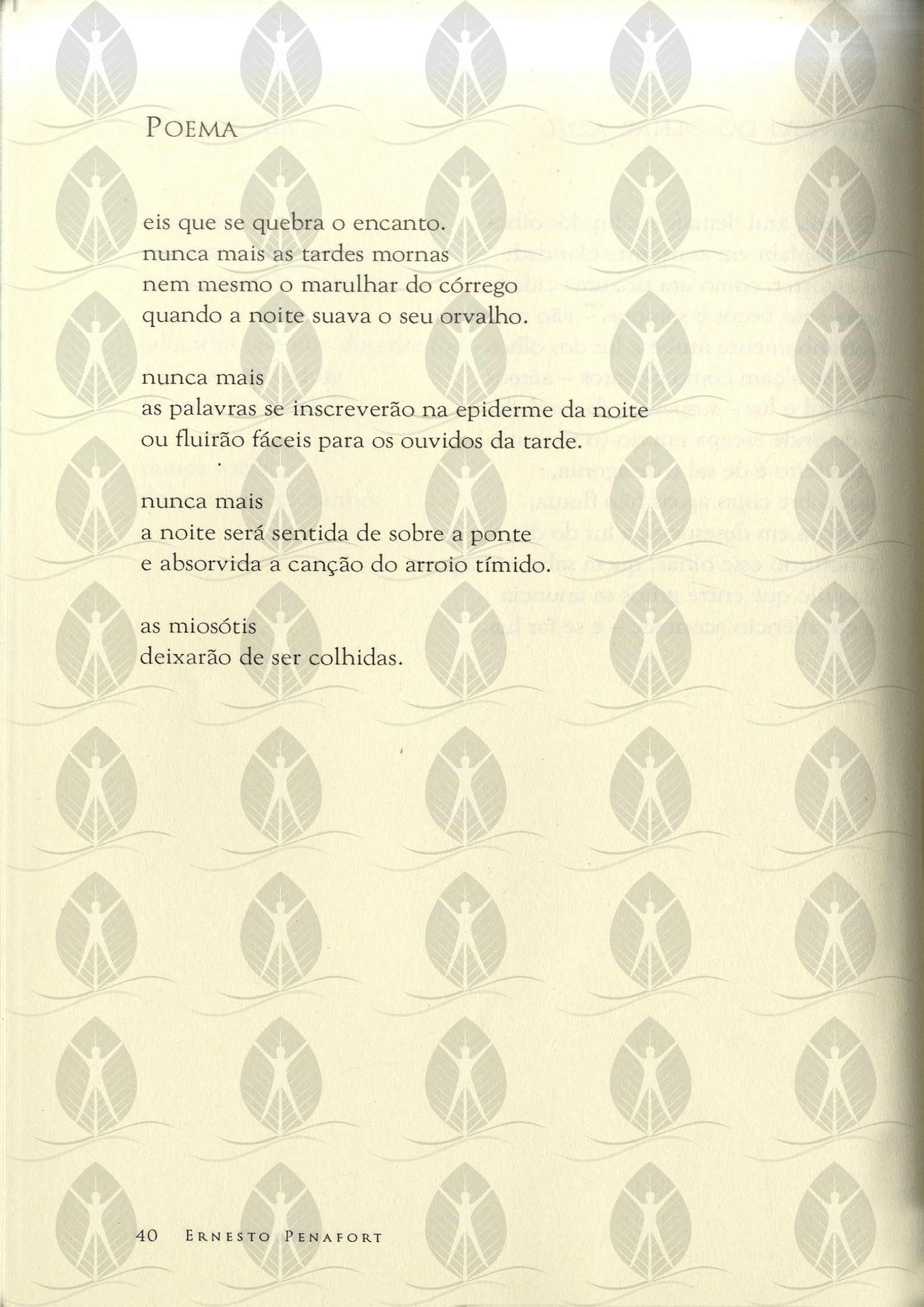




## SONETO DO OLHAR AZUL

de azul, azul demais é a luz dos olhos  
que espiam em constante claridade  
o escorrer, como um rio, uma cidade  
com seus becos e sombras – vão mistérios.  
estranhamente azul é a luz dos olhos  
que se alçam como pássaros – aéreos  
de azul e luz – suspensos de saudade;  
e de onde escapa um rio (o rio outro)  
cujo leito é de sal e de agonia,  
por sobre cujas águas não flutua,  
embora em desespero, a luz do dia.  
é noturno esse olhar? quem sabe a imagem  
daquilo que entre gritos se anuncia  
e em silêncio acontece – e se faz lua.





POEMA

eis que se quebra o encanto.  
nunca mais as tardes mornas  
nem mesmo o marulhar do córrego  
quando a noite suava o seu orvalho.

nunca mais  
as palavras se inscreverão na epiderme da noite  
ou fluirão fáceis para os ouvidos da tarde.

nunca mais  
a noite será sentida de sobre a ponte  
e absorvida a canção do arroio tímido.

as miosótis  
deixarão de ser colhidas.





## DO POETA E SEUS ELEMENTOS

o poeta é um território  
em permanente degredo.

o poeta, por incrível,  
sente frio e sente medo.

o poeta é um promontório,  
além da mão como um dedo.

(sendo a mão somente a palma

o dedo é um prolongamento  
como é do corpo sua alma.)

o poeta é um território  
limitado por si mesmo.

se às vezes, por ilusório,  
parece que anda a esmo,

é exatamente o inverso:

o poeta é um promontório  
procurando mais um verso

para urdir o seu poema,  
(que absurda tessitura!)

instaurando no universo

a nação que anda a procura.





## O TOURO

o touro cinza traz sobre o occipício  
estranha meia-lua eclipsada  
no turvo olhar das vacas do cambixe.  
é belo o touro. o olhar (lâmina e gelo)  
passeia-nos as almas decorando-as  
como se fossem seus os nossos pastos.  
de seu dorso escorrem-lhe os desejos  
que se fincam nas placas feito plantas  
de onde brota-lhe o viço das andanças.  
um mugido de cores o ilumina  
e a tarde se afugenta de seu lombo  
sorvendo o que há de luz pela ravina.  
é silêncio o curral. sobrefluta  
eclipseada e estranha meia-lua.

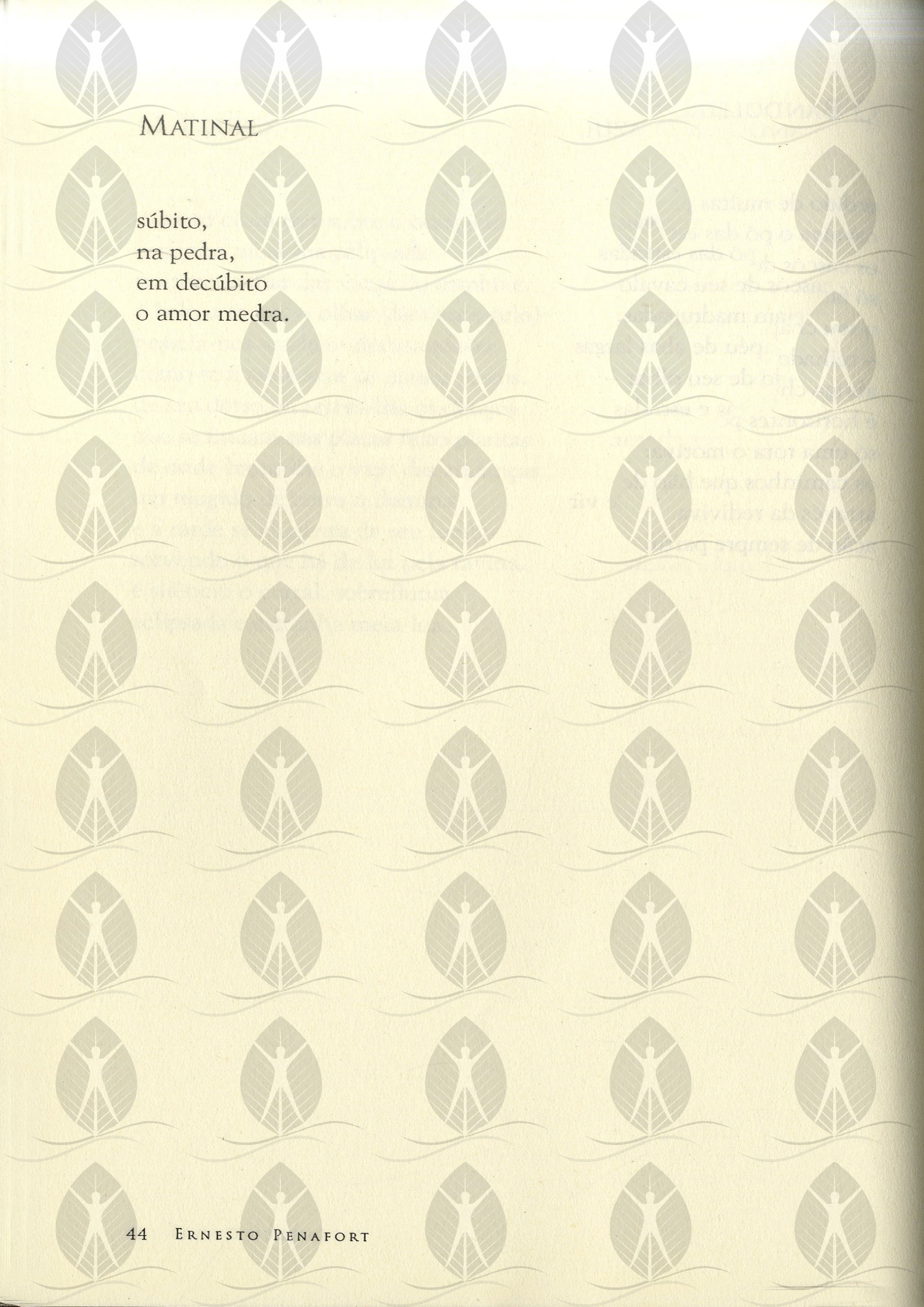




## O BANDOLEIRO AZUL

urrido de muitas penas  
cavalga o pó das estradas.  
os cascos de seu cavalo  
só farejam madrugadas.  
o seu chapéu de abas largas  
– telhado de seu olhar –  
abriga chuvas e estrelas  
e horizontes por chegar.  
só uma rota o motiva:  
os caminhos que hão de vir  
através da rediviva  
ação de sempre partir.





MATINAL

súbito,  
na pedra,  
em decúbito  
o amor medra.





## A VASSOURA

a vassoura é um instrumento  
que sem ter eira nem beira  
desperta acordes no tempo  
ao revelar-lhe a poeira.  
se dista alturas da esteira  
é acreditar-se de vento,  
bom é ver sua cabeleira  
evolando a sulavento  
quando entretida no intento  
de ser nauta feiticeira  
e espana sôtãos e eventos  
até que chegue a canseira.  
isto posto (hirsuta ou panda?)  
cochila a um canto – varanda.

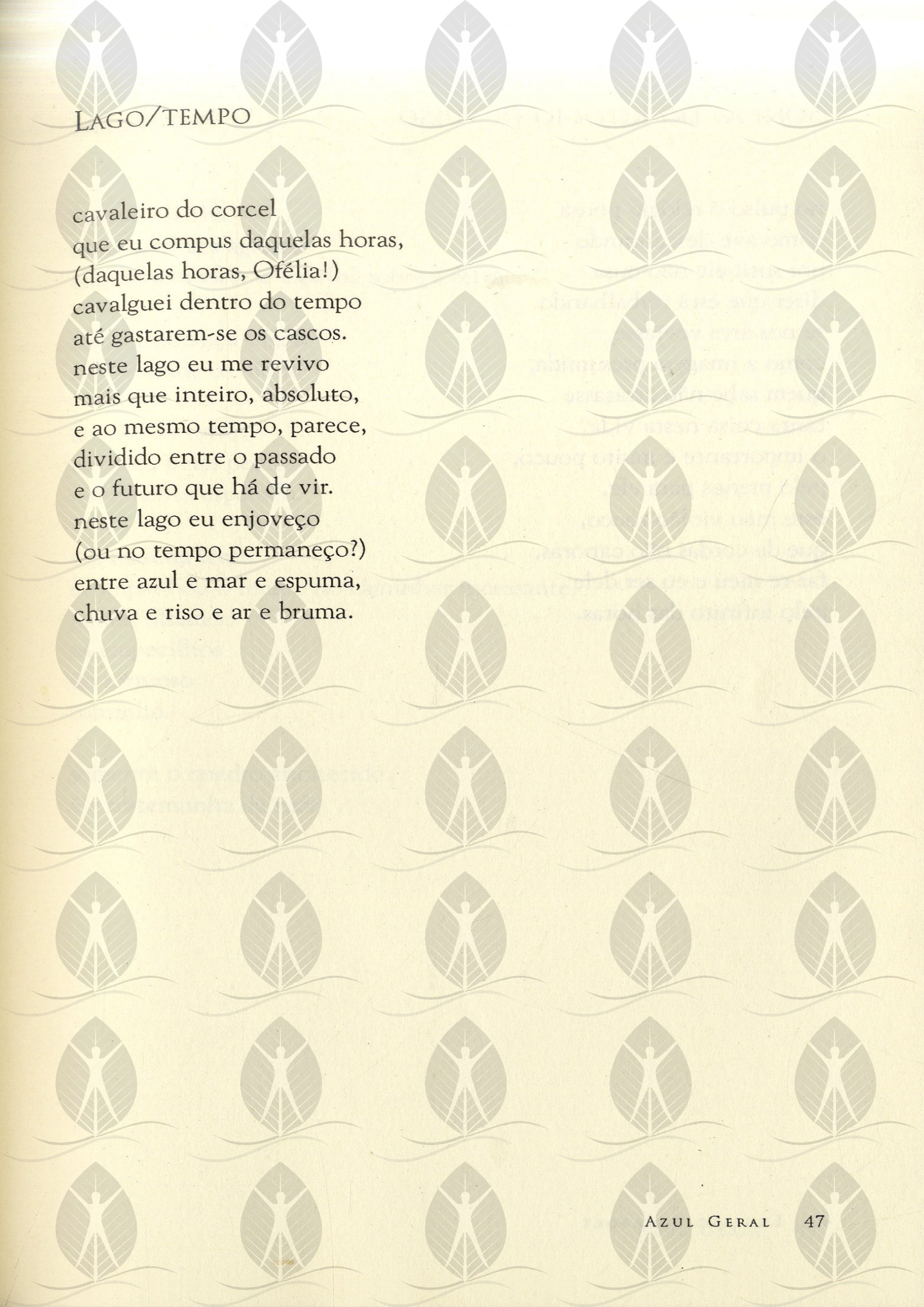




AGRIDOCE

de áspera língua é o cão.  
lesto se insinua  
por entre francas colunas,  
direito à fonte.  
hálito e mucosa (de ambos),  
úmidos, mornos se conjugam.  
súbito  
a paisagem desfalece.





## LAGO/TEMPO

cavaleiro do corcel  
que eu compus daquelas horas,  
(daquelas horas, Ofélia!)  
cavalguei dentro do tempo  
até gastarem-se os cascos.  
neste lago eu me revivo  
mais que inteiro, absoluto,  
e ao mesmo tempo, parece,  
dividido entre o passado  
e o futuro que há de vir.  
neste lago eu enjoveço  
(ou no tempo permaneço?)  
entre azul e mar e espuma,  
chuva e riso e ar e bruma.





## SONETO DO RELÓGIO DE PULSO

no pulso o relógio pousa  
como ave descansando.  
por sutil ele não ousa  
dizer que está trabalhando.  
se nos ares voejasse,  
como a imagem presumida,  
quem sabe não atrasasse  
tanta coisa nesta vida?

o importante é muito pouco,  
pelo menos para ele,  
este meu violão rouco,  
que de cordas não canoras,  
faz-se meu e eu ser dele  
pelo infinito das horas.





MOMENTO

brotam a manhã  
entre as flores agrestes  
enquanto a vida se espalha sobre a relva.

(uma esperança muda  
acalanta-me os olhos)

do alto da torre  
escorreu pelas pedras  
o momento esperado.

sua marcha lenta  
acompanhou o tempo no caminhar incessante,  
jamais olhando  
os empecilhos  
do tortuoso  
caminho.

somente o quadro anoitecido  
é a testemunha de tudo.





## SONETO DO OBJETIVO MAIOR

tudo está por fazer e já cansada  
te encontras neste início de aventura.  
tudo está por ser feito e sossegada  
te fincas sobre gestos de impostura.  
tudo está por cumprir nesta jornada  
que agora nos propomos, e amargura  
tu mostras antes mesmo a caminhada  
que nos há de levar a essa futura  
vida que nos aguarda em seus segredos.  
por que deténs-me então por entre os dedos  
que, antes, teceram tudo o que hoje somos?  
não podemos ficar. partir é tudo.  
e o que temos de bom sobre o chão nudo.  
vamos, seremos mais do que já fomos.





PARA ANTES DO GERAL AMANHECER

das árvores,  
de entre as árvores  
nasce a canção.

a canção cresce das árvores  
galopa o vento nas crinas  
e traz gestos de opção:  
o ventre arbóreo é uma nação.

no vale,  
por todo o vale  
desce a canção.

a canção cai sobre o vale  
ecoa por toda a boca  
e em cada coração.  
dos limpos olhos da tarde  
escapam lentas mensagens  
de geral definição:  
o ventre arbóreo é uma nação.





## QUASE SONETO A OFÉLIA

mascarei-me de sorrisos  
e nem assim, nos espelhos,  
sempre fiéis às imagens  
pude saber-me feliz.

ó minhalma chão pisado.  
ó campo onde a batalha  
há muito tempo travada  
não causa olhares ao vento.

o amanhã se apronta de hoje,  
pois o hoje me abandona  
para vestir-se de ontem.

o pássaro dorme ao longe.

ofélia, por que baniste  
o vento para tão longe?



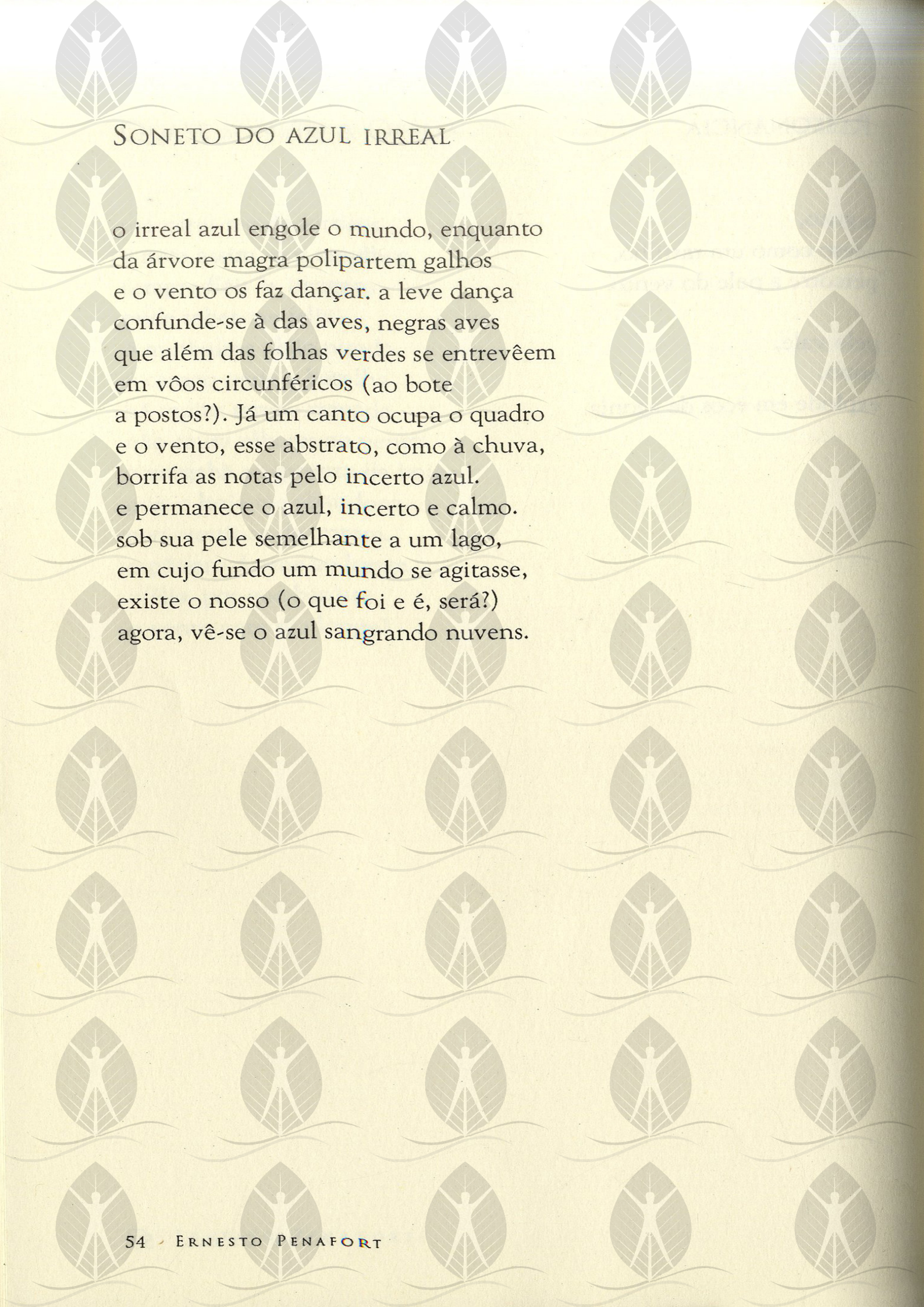


RESSONÂNCIA

o grito,  
aceso como um rastilho,  
percorre a pele do vento.

pelo vale,  
ermo,  
explode em ecos de agonia.

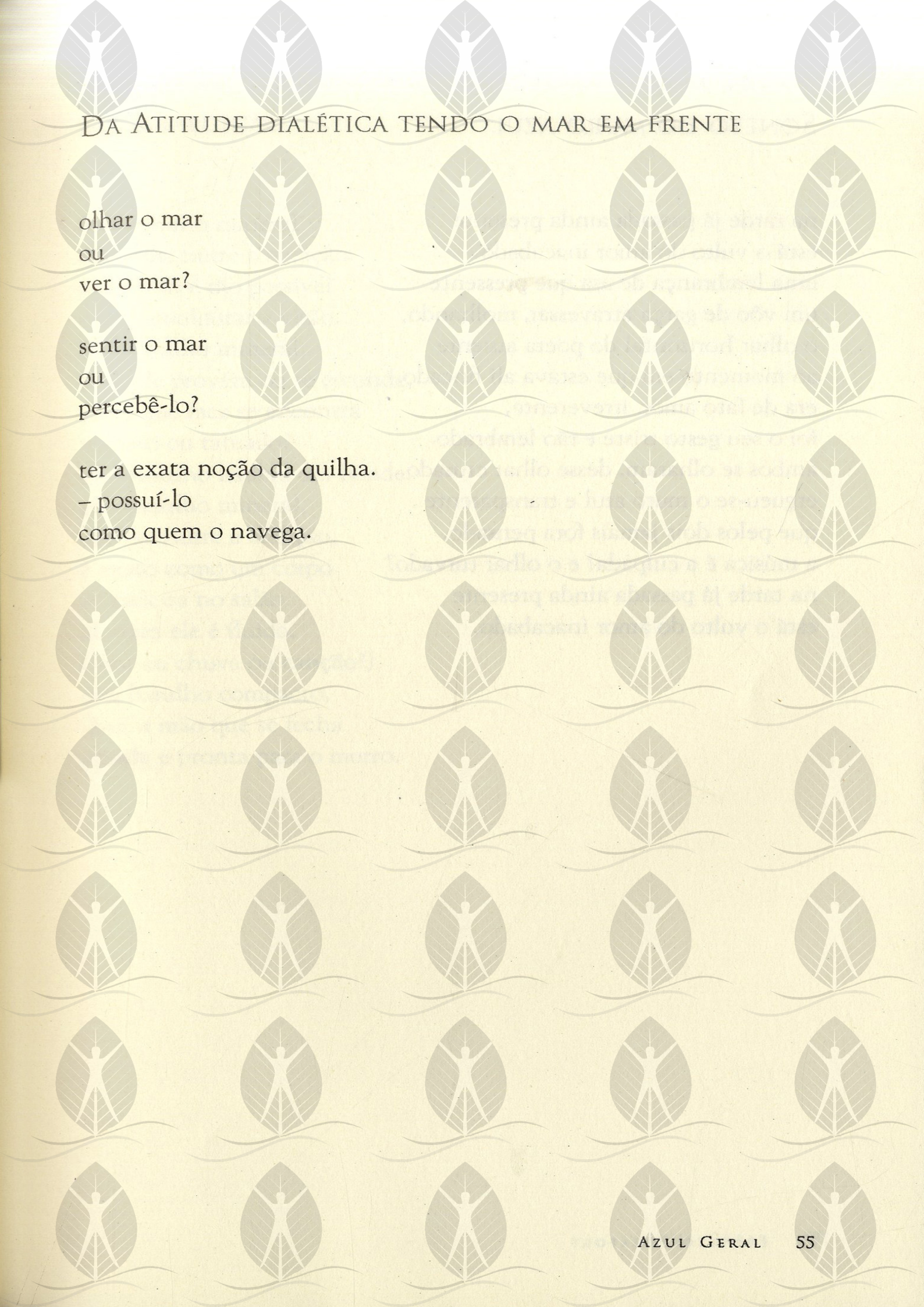




## SONETO DO AZUL IRREAL

o irreal azul engole o mundo, enquanto  
da árvore magra polipartem galhos  
e o vento os faz dançar. a leve dança  
confunde-se à das aves, negras aves  
que além das folhas verdes se entrevêm  
em vôos circunféricos (ao bote  
a postos?). Já um canto ocupa o quadro  
e o vento, esse abstrato, como à chuva,  
borrifa as notas pelo incerto azul.  
e permanece o azul, incerto e calmo.  
sob sua pele semelhante a um lago,  
em cujo fundo um mundo se agitasse,  
existe o nosso (o que foi e é, será?)  
agora, vê-se o azul sangrando nuvens.





DA ATITUDE DIALÉTICA TENDO O MAR EM FRENTE

olhar o mar  
ou  
ver o mar?

sentir o mar  
ou  
percebê-lo?

ter a exata noção da quilha.  
– possui-lo  
como quem o navega.

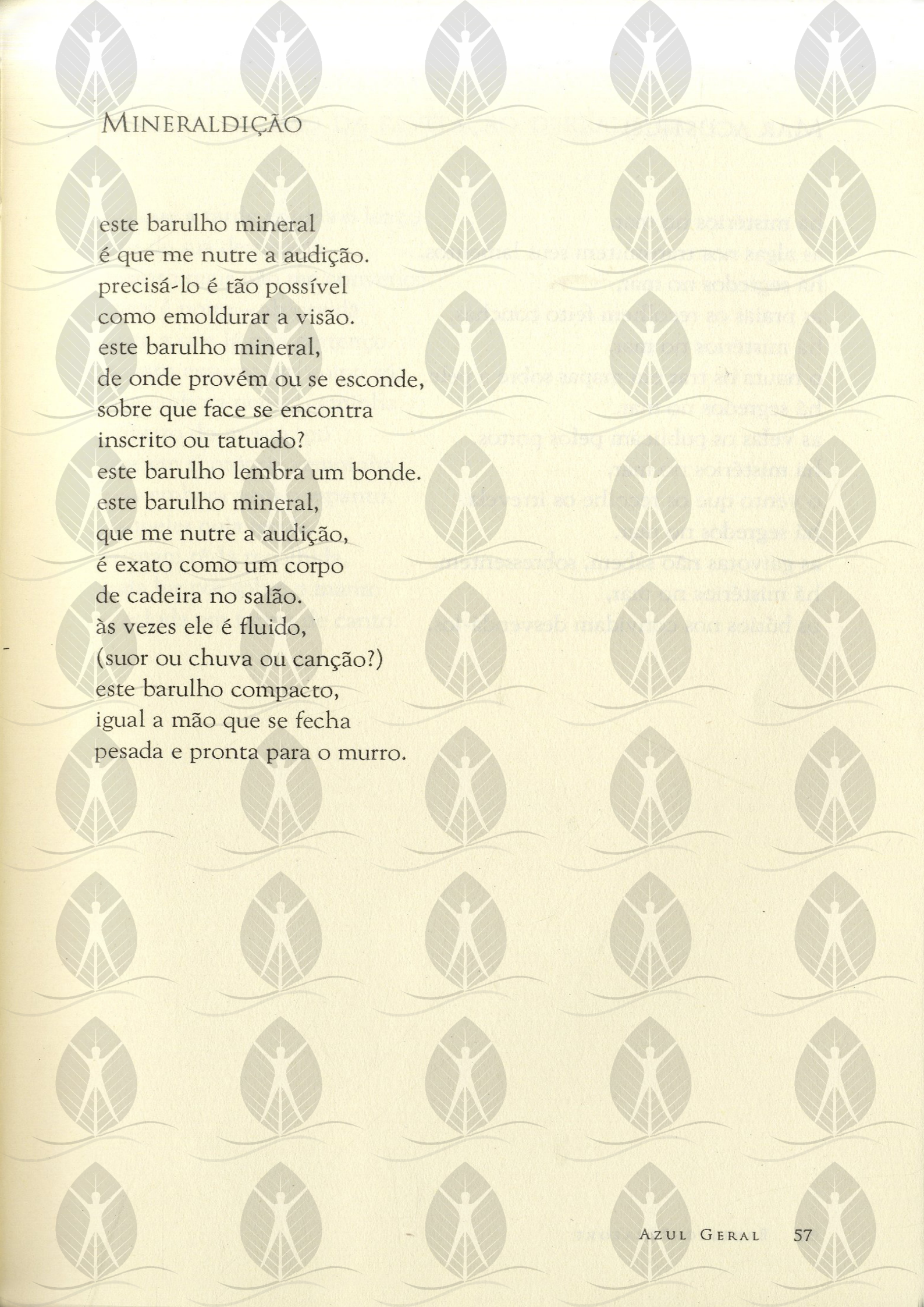




## SONETO DO MURO AZUL

na tarde já passada ainda presente  
está o vulto do amor inacabado.  
uma lembrança de asa que pressente  
um vôo de garça atravessar, molhando,  
o olhar horizontal do poeta ausente  
ao momento em que estava ali fincado.  
era de fato amor. irreverente,  
foi o seu gesto triste e tão lembrado.  
ambos se olharam. desse olhar cruzado,  
ergueu-se o muro azul e transparente  
que pelos dois jamais fora pensado.  
a música é a culpada? e o olhar turvado?  
na tarde já passada ainda presente  
está o vulto do amor inacabado.

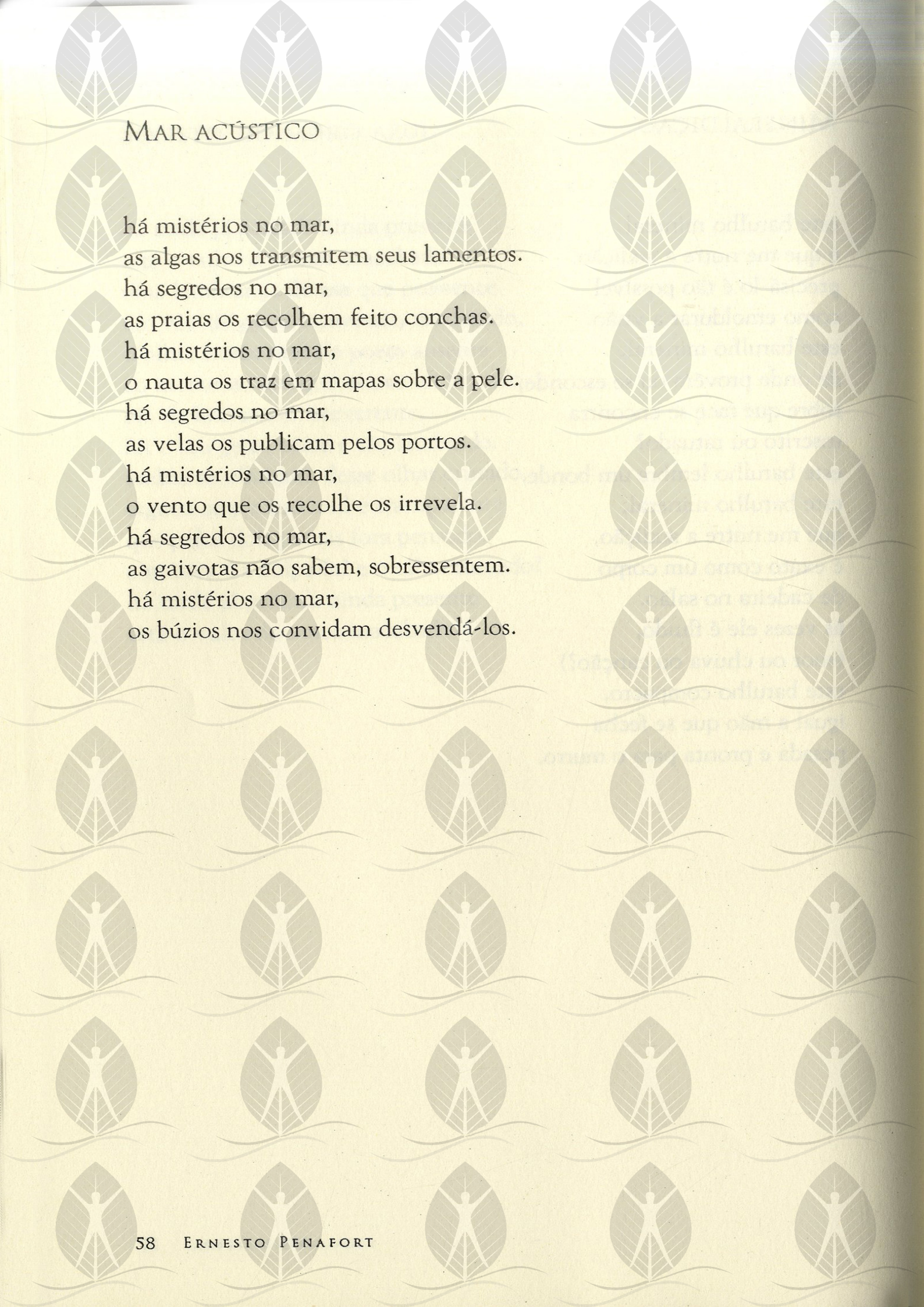




## MINERALDIÇÃO

este barulho mineral  
é que me nutre a audição.  
precisá-lo é tão possível  
como emoldurar a visão.  
este barulho mineral,  
de onde provém ou se esconde,  
sobre que face se encontra  
inscrito ou tatuado?  
este barulho lembra um bonde.  
este barulho mineral,  
que me nutre a audição,  
é exato como um corpo  
de cadeira no salão.  
às vezes ele é fluido,  
(suor ou chuva ou canção?)  
este barulho compacto,  
igual a mão que se fecha  
pesada e pronta para o murro.





## MAR ACÚSTICO

há mistérios no mar,  
as algas nos transmitem seus lamentos.

há segredos no mar,  
as praias os recolhem feito conchas.

há mistérios no mar,  
o nauta os traz em mapas sobre a pele.

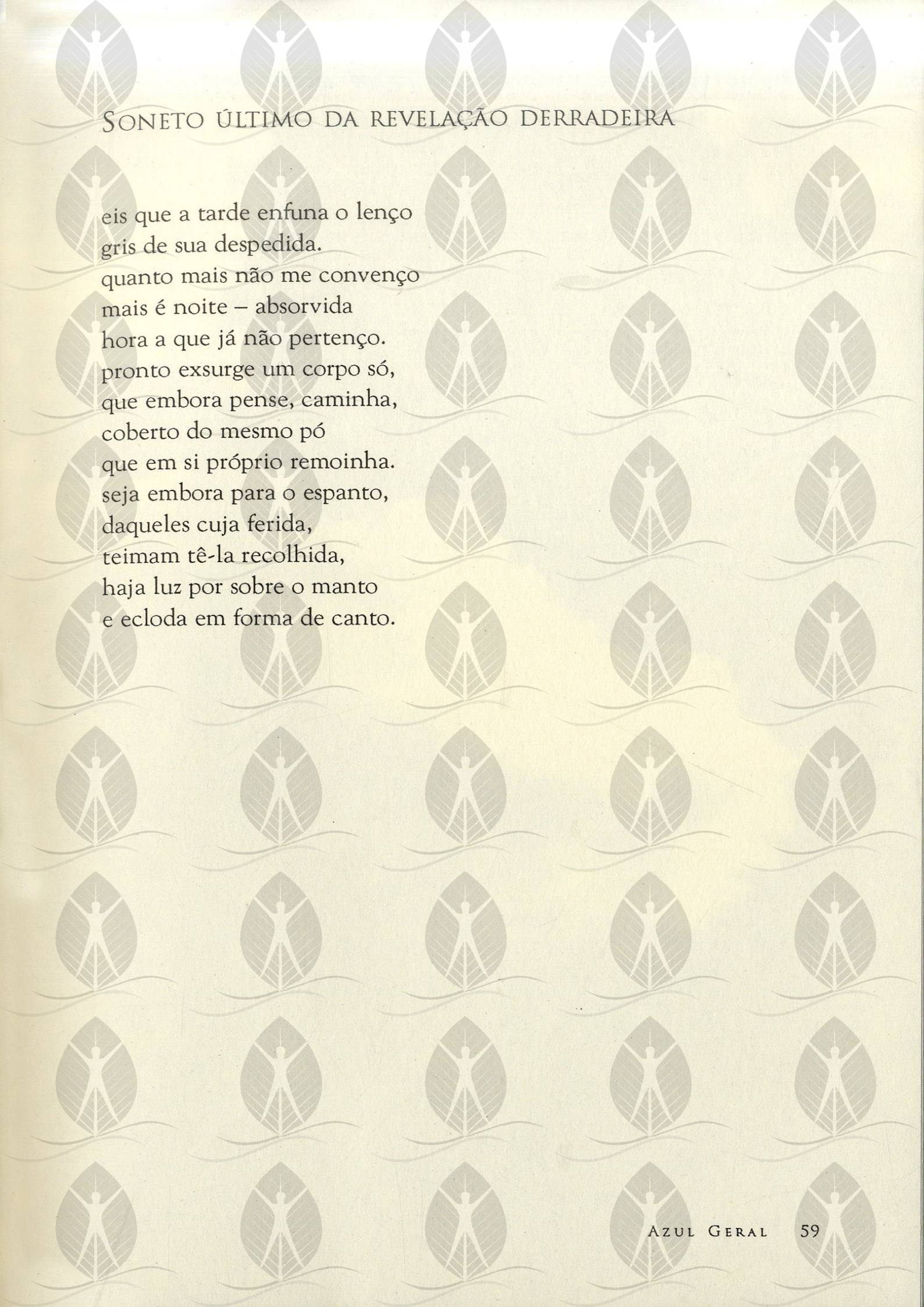
há segredos no mar,  
as velas os publicam pelos portos.

há mistérios no mar,  
o vento que os recolhe os irrevele.

há segredos no mar,  
as gaivotas não sabem, sobressentem.

há mistérios no mar,  
os búzios nos convidam desvendá-los.





SONETO ÚLTIMO DA REVELAÇÃO DERRADEIRA

eis que a tarde enfuna o lenço  
gris de sua despedida.  
quanto mais não me convenço  
mais é noite – absorvida  
hora a que já não pertenço.  
pronto exsurge um corpo só,  
que embora pense, caminha,  
coberto do mesmo pó  
que em si próprio remoinha.  
seja embora para o espanto,  
daqueles cuja ferida,  
teimam tê-la recolhida,  
haja luz por sobre o manto  
e ecloda em forma de canto.







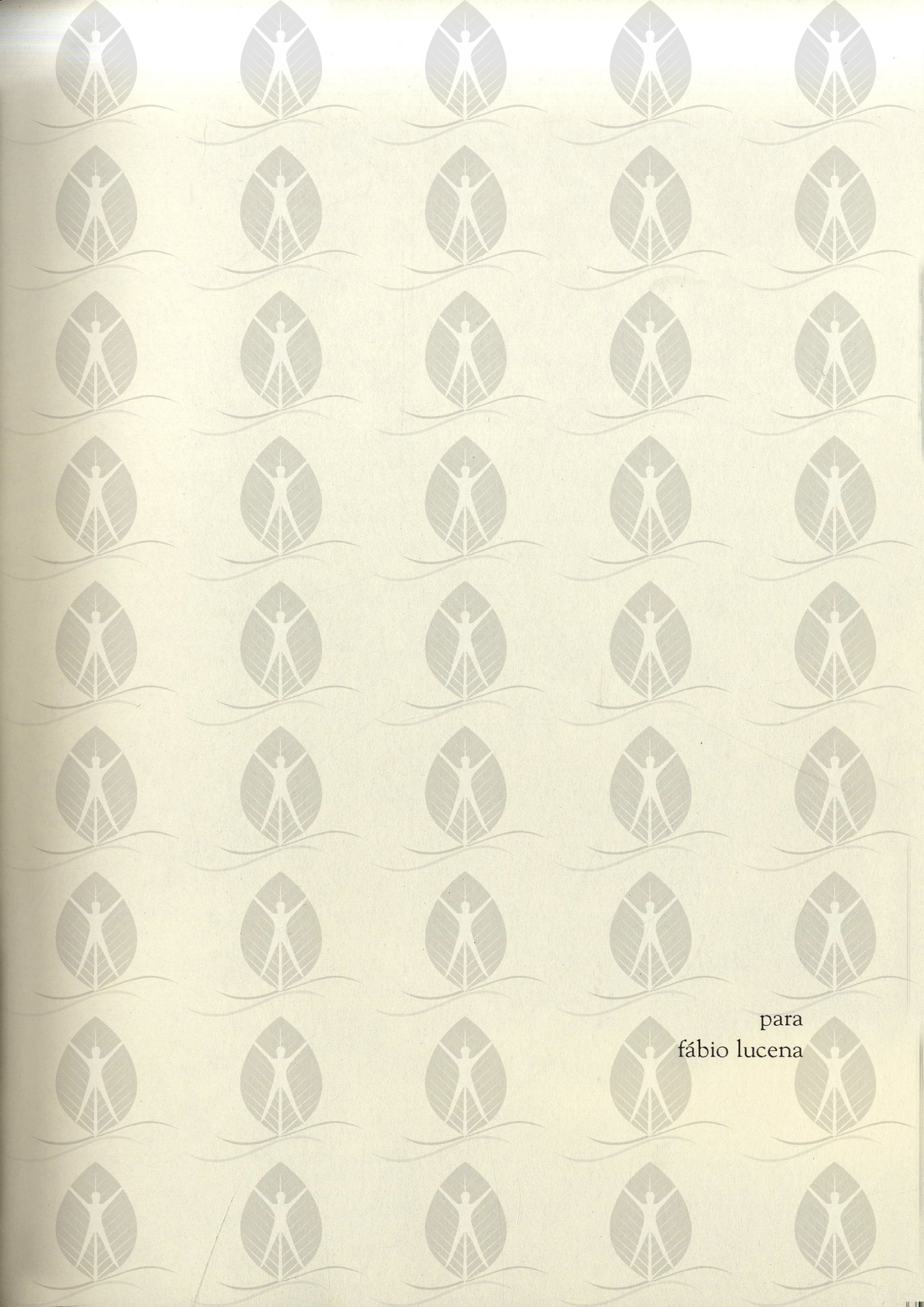
The image shows a page from a book with a repeating pattern of stylized leaves. Each leaf contains a white silhouette of a human figure with arms raised. The leaves are arranged in a grid. The text "AS INSTRUÇÕES" is centered on the page. The background of the book cover is a photograph of trees.

AS INSTRUÇÕES










para  
fábio lucena









INSTRUÇÃO N.º 1

vento, aéreo nauta,

e cujo veleiro sujo

a chuva esmalta.

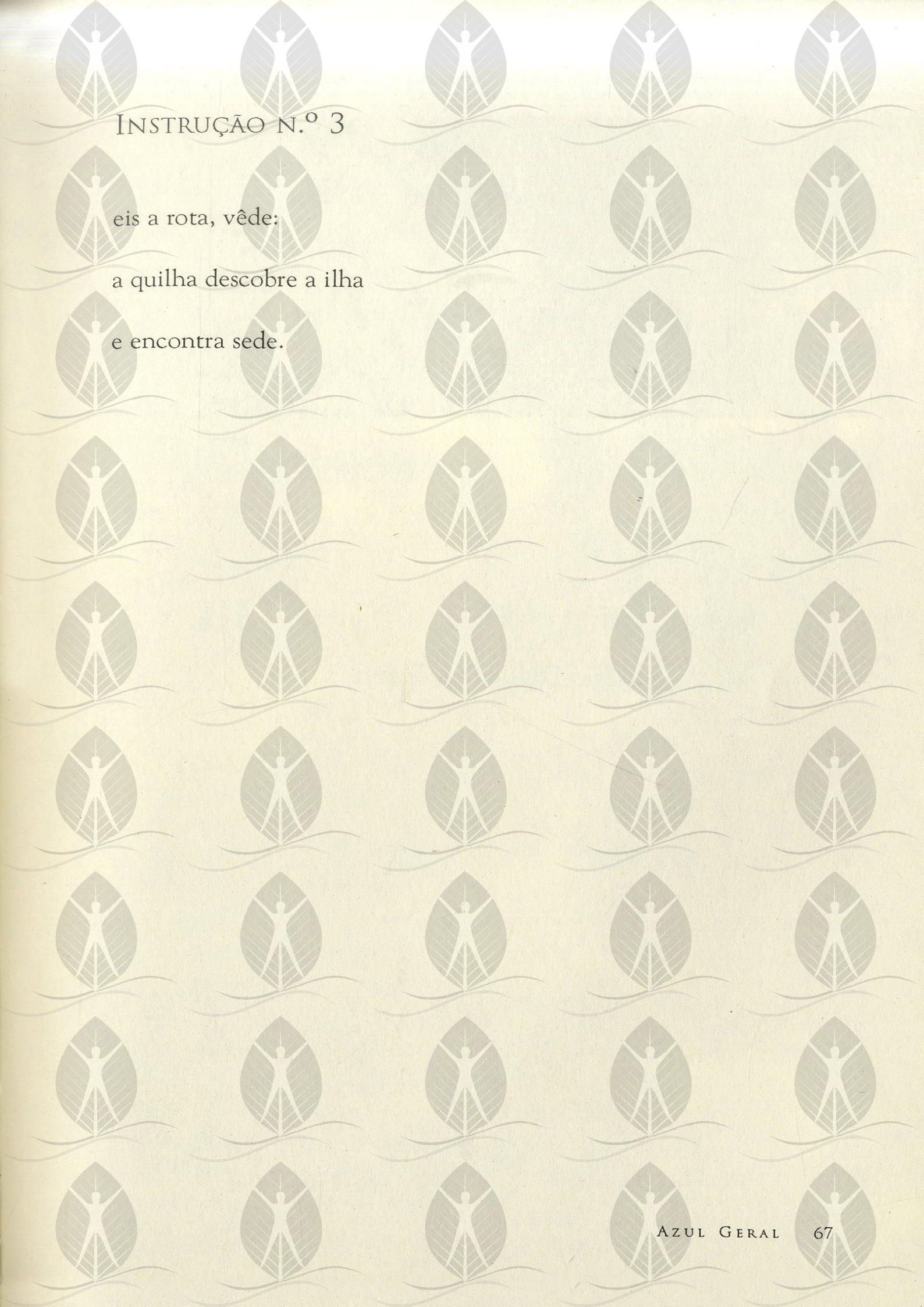




INSTRUÇÃO N.º 2

o ar eclode lento,  
em bolha, e por toda folha  
instaura vento.





INSTRUÇÃO N.º 3

eis a rota, vêde:

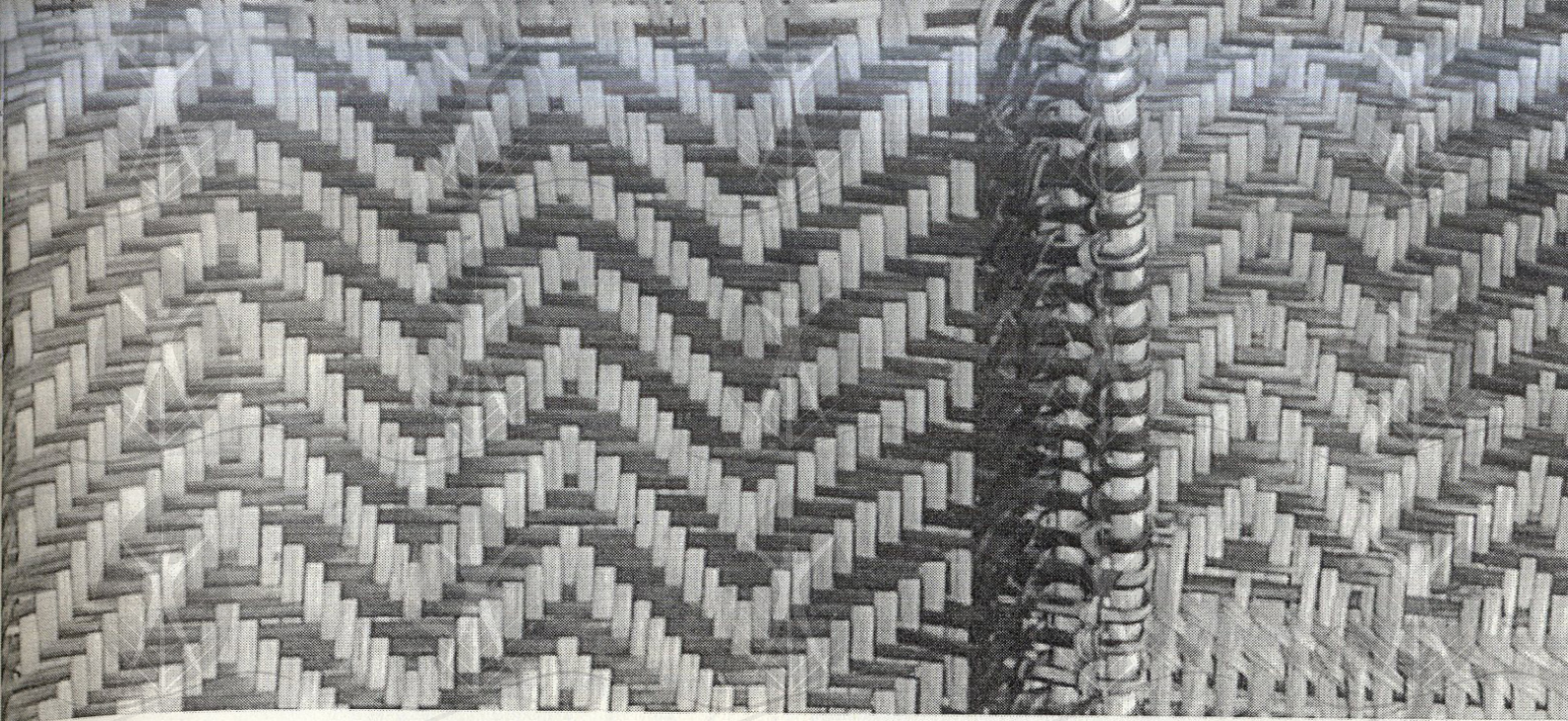
a quilha descobre a ilha

e encontra sede.

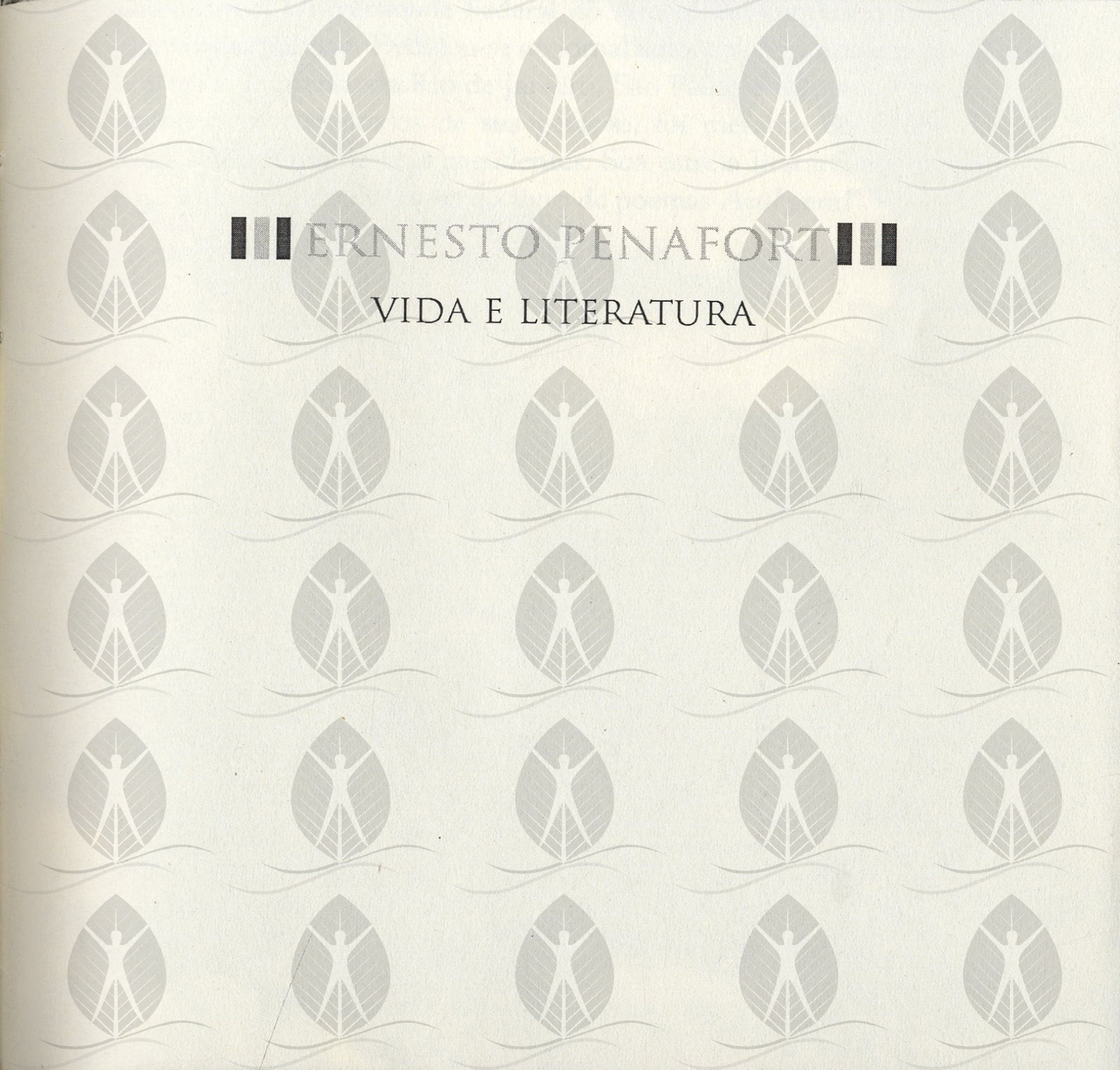








||| ERNESTO PENAFORT |||  
VIDA E LITERATURA











## VIDA

“Ernesto Penafort, poeta e contista, nasceu em Manaus, no dia 27 de março de 1936. Morreu na mesma cidade em 3 de junho de 1992. Na década de 60, estudou Ciências Sociais, abandonando o curso devido ao clima político vivido pelo país, na Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. Formado em Direito pela Universidade Federal do Amazonas, ingressou no funcionalismo público. Dedicou-se ao jornalismo, colaborando em vários órgãos de imprensa do Rio de Janeiro, São Paulo e Manaus. Um dos poetas mais respeitados de sua geração, foi membro do Clube da Madrugada e um de seus presidentes. Sua estréia literária aconteceu em 1973, com a publicação do livro de poemas *Azul geral*”.









## OBRA

“O discurso poético de Ernesto Penafort é cheio de muitas ressonâncias, visual, sonora, com uma plasticidade luminosa que nos faz lembrar uma pintura impressionista. A marca que define e explica sua obra é o azul. O azul de que é feito o seu canto é orgânico, exprime o desapego aos valores deste mundo e arremesso da alma liberada em direção ao transcendente, ao etéreo. A poesia de Penafort é uma lâmina que corta a superfície opaca, agreste desse nosso tempo rubro, desértico. O azul tem, em seus versos, intenso conteúdo existencial, evocativo do estado de espírito do poeta, expressão de sua percepção da realidade, do tempo”.

Poesia:

*Azul geral*, 1973;  
*A medida do azul*, 1982;  
*Os limites do azul*, 1985;  
*Do verbo azul*, 1988.









## APRESENTAÇÃO À PRIMEIRA EDIÇÃO

De repente, redescubro o paladar do azul. Eu, que julgava tê-lo perdido, diluído nesse pântano de engodos que é a vida, a vida amarga dos nossos dias, caracterizada pelo materialismo mais brutal e agressivo, pelo horror da ambição mais desmedida, eu, repito, que pensava não reencontrá-lo jamais, a ele, a esse paladar magnífico do azul, manto melífluo onde, tantas vezes, hei agasalhado os meus cansaços de viajor, ganho subitamente o prêmio da redescoberta e, inopinadamente, o azul volta a se fazer geral, inaugura a aurora, tinge o ouro do sol, envolve a túnica inconsútil da manhã, derrama-se no sorriso do casal de namorados, pinta o corpo imaterial de brisa, saltita traquinamente nas tranças louras dos trigais maduros, rodopia rebelde nos redemoinhos do rio, tinge as calçadas, os muros e as paredes, lava a tristeza dos olhos dos mendigos, inventa caracóis na pele do vento, risca recados de saudade no olhar vago e distante dos anciãos.

Tudo isso, a mim me chega com os poemas maravilhosos de Ernesto Penafort, sacerdote do azul, presbítero da claridão, apóstolo da luz, ministro celebrante dos sagrados mistérios da Poesia que, dentro em breve, nos vai brindar com um banquete espiritual do mais alto nível, seu livro *Azul geral*, em o qual o poeta azulce o mundo, voltando a acender esperanças azuis no coração sofrido do planeta.

Tenho a honra de conhecer o poeta Ernesto Penafort há uns bons vinte anos, honra que se faz maior por ter tido a graça suprema de haver assistido as suas primeiras parturições poéticas, quando, engravidado de azul, ele começou a conceber seus primeiros poemas, transformando-se na antena de altíssima sensibilidade que hoje é, uma das mais autênticas e mais puras do mundo supra-real da Poesia. Poeta MESMO, consciente da importância da sua missão e do seu trabalho entre os humanos, ele se retrata plenamente, como mago e como sacerdote, quando diz, no primeiro quarteto do seu bellissimo “Soneto do olhar azul”:



*de azul, azul demais é a cor dos olhos  
que espiam em constante claridade  
o escorrer, como um rio, uma cidade,  
com seus becos e sombras – vão mistérios.*

Assim, exatamente assim, são e estão sempre os olhos do poeta Ernesto Penafort, seus olhos imateriais, urdidos em pura luz, permanentemente debruçados sobre o encantamento dos mistérios, que ele, poeta, penetra e desvenda, para azulecê-los depois, no laboratório azul do seu talento, com as recortas e os tubos de ensaio da sua inspiração grandiosa, do seu gênio recriador, da sua maravilhosa capacidade de trazer à tona a alma das coisas, para oferecer aos olhos comuns dos mortais a sua dimensão verdadeira, as suas latitudes ignotas, as suas coordenadas apenas conhecidas dos eleitos, como ele, donos da chave do sol que abre todas essas portas encantadas, todos esses templos de tessitura eólia e imorredoura.

Pelo tanto, creio ser do meu dever, de acólito humilde e pequenino, vir a público, desde aqui, deste meu mirante de sonhos, agradecer ao meu querido irmão Ernesto Penafort, pela graça sublime que me concedeu, a graça desse reencontro com o azul, o azul que andava toldado para os meus lados, toldado pelas sombras mais amargas e mais dolorosas, sombras advindas neste ciclo penumbroso que todos estamos vivendo, ciclo kármico de cobranças pesadas e terríveis, trazendo o peso de dívidas antigas e sangrentas.

Obrigado, pois, poeta Ernesto Penafort, obrigado pelo maravilhoso, sublime, divino banho de azul com que, mergulhando nos teus poemas, tive a oportunidade de lavar o meu espírito, purificando-o, tornando-o tão leve e tão puro como a leveza e a pureza da tua Poesia, cascata cantante que permanece ecoando nos desvãos do meu mundo interior, agora pleno de claridão, agora reintegrado, graças a ti, à beleza indizível e eterna do *Azul geral*.

Obrigado, irmão, muito obrigado!

Farias de Carvalho



## PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Manaus está vivendo uma fase de transição onde a expansão urbana, as chaminés das indústrias, o entrecchoque das línguas e culturas, a sacodem de modo inusitado. Os intelectuais, nessa urdidura fenomenológica e multivária que traz no seu bojo o vocábulo usado e às vezes abusado do “progresso”, sentem-se, na sua maioria, isolados e tangidos, como se todos não fossem, desde os primórdios, frutos inconfundíveis desse mesmo e pegajoso corpo social, que tende, por fatalismo, a caminhar para a frente. E falam e alardeiam que por estas bandas não há mais lugar para a evasão, a sublimação, para a ilogicidade, como diriam os homens práticos, das criações artísticas e literárias.

O que nos falta, parece-nos, e com extrema urgência, é que ocorra uma reação de verticalidade, partida de todas as forças vivas do espírito. O papel maroto das escondidelas à maneira de cágados, é rigorosamente caduco e perigoso e até mesmo criminoso como processo de confundir, toldar, desassociar, criar hábitos afins, às gerações presentes e vindouras.

Somos daqueles que acreditam que o artista e o escritor só poderão ser chamados, assim se de fato mostrarem trabalho. Aceitamos, de pronto, a idéia de que muitas vezes a solidão é importante para a criatividade. É óbvio que sim. Mas entre o intuir ou mentar e o labor não há um processo extraordinariamente complexo, de variantes e cortar caminhos de acordo com o universo que cada artista (quando realmente o é) carrega dentro e si? E após, para simplificar, é crível que essa tortura, que essa doença ou que nome queiramos dar à feitura-objeto-artístico, se dissolva na nossa própria pele interior?

Falar se um escritor é grande ou pequeno, se presta ou não presta – sejamos coloquiais –, é sempre uma temeridade, mesmo para



os estudiosos e críticos literários pertencentes a mesma (ou logo posterior) geração. Deve ser objeto da história. Se o escritor é poeta a coisa se extrapola (não que aceitemos escalas de diferenciação de valor entre os dois grandes gêneros da literatura: a poesia, a prosa de ficção), e extrapola pela multiplicidade de interpretações que o público – mesmo o mais intelectualizado – possa ou deva dar ao contato com os versos. Além deste simples registro, é notória a existência de motivações teóricas que fazem parte de bibliografias incalculáveis. E não seríamos nós, pobres mortais, que nos lançaríamos a tão árdua e difícil tarefa.

O nosso papel é o de milhares de apresentadores de livro. Sendo que muitos deles são dotados de talentos inconfundíveis e possuem, além do conhecimento metodológico, a mágica facilidade de mergulhar na obra do autor e dissecá-la, explicando-a muitas vezes com incrível poder de síntese. Não cremos que o termo “explicação” possa ou deva ser usado quando se trata de obra poética, a não ser com muitas restrições, mormente em se tratando da poesia liberta do preciosismo e dos lampejos do passado, onde os recursos fonéticos e as amarras metrificadas transformaram o Brasil num país quantitativamente imenso, embora com poucos valores inseridos na história.

O poeta Ernesto Penafort não conseguiu, rigorosamente, quebrar todas as amarras tradicionais. A forma do soneto é uma delas. Mas ao usar o decassílabo, o faz com tamanha cautela e requinte, a despeito da sobrecarga emotiva, onde os símbolos tecem, plasmam e encantam até mesmo certos vocábulos inaceitáveis a algumas correntes neomodernistas, convencendo-nos, por inteiro, de que a forma convencional, ainda hoje, quando bem aplicada por um autêntico poeta, chega a ser realmente intemporal, desde que a linguagem e o enfoque o acompanhem, passo a passo, o processo do tempo sobre o homem e o mundo.

*Azul geral* é um livro para ser lido, relido e meditado. Seu autor, com pouco mais de trinta anos, é desses poetas que se interiorizam longamente, afastado das explosões verbais, tão a gosto de



muitos poetas, na capacitação do poema que, passa a ser trabalhado, às vezes meses, até que tome corpo definitivo.

*estranhamente azul é a luz dos olhos  
que se alçam como pássaros – aéreos  
de azul e luz – suspensos de saudade*

O título da obra não poderia ser outro, porquanto ela está impregnada de azul, azul-símbolo de tranqüilidade e esperança de paz e compreensão entre os homens que continuam a viver em permanente belicismo.

*tudo está por cumprir nessa jornada  
que agora nos propomos, e amargura  
tu mostras antes mesmo a caminhada  
que nos há de levar a essa fatura  
vida que nos aguarda em seus segredos.*

O poeta quando alcança essa individualidade apesar de sabê-lo longe da perfeição – e os vates de hoje então conscientizados de seu papel de obreiros sociais nessa construção subjetiva e absurda, mas tão necessária quanto o pão e vinho –, de dizer e transmudar as suas experiências, passa a ser universal a despeito de estar com os pés fincados no chão de um quadrado geográfico. E Ernesto Penafort, quer-nos parecer, faz parte dessa família espiritual de loucos poetas.

Anthístenes Pinto



Os livros que compõem a terceira etapa da Coleção Resgate são representativos da produção dos autores que participaram do Clube da Madrugada e ilustram as tendências, temas e preocupações humanas que marcaram a trajetória desse importante movimento cultural do Amazonas. Em reconhecimento pela inestimável contribuição para o enriquecimento de nosso patrimônio artístico, a Editora Valer e seus parceiros pretendem, com este gesto, homenagear os artistas e intelectuais que ajudaram a escrever esse capítulo fundamental da História do pensamento em nossa terra. É um trabalho expressivo de nosso compromisso com a civilização e um ato de amor às palavras, à literatura, à beleza e ao ser humano. Melhor dizendo: é uma celebração e uma homenagem ao Cinquentenário do Clube (que se comemora no dia 22 de novembro de 2004) e também um registro em prol da memória e um ato de resistência à ação corrosiva do tempo. Com isso, queremos deixar registrado o nosso reconhecimento ao esforço intelectual dos jovens que cometeram esse ato de ousadia e o nosso testemunho deste momento significativo em que se comemora os 50 anos de História do Clube da

Madrugada. Este foi impresso em Manaus, no mês de novembro de 2004, pela gráfica Grafisa. E a madrugada amanheceu e o tempo se fez luz. Já não somos mais os mesmos. Que belo milagre é a vida. E que a promessa de um mundo livre, justo, cheio de beleza e poesia se

cumpra. E que, junto com o pão, o livro possa ser servido em todas as mesas: no café, no almoço e no jantar.

TENÓRIO TELLES





chamada tendência espiritualista da poesia brasileira, representada principalmente por Murilo Mendes e Jorge de Lima. Esses autores elaboraram uma linguagem poética fundada na esfera cósmica, transcendente da vida, numa tentativa de conexão do ser, do homem com a totalidade, com o divino.

A poesia azul de Penafort é um eco, uma lâmina que corta a superfície opaca, agreste desse nosso tempo rubro, desértico. E nos induz a um questionamento sobre nossa percepção do mundo, da realidade. O poeta nos convida a refletir sobre a aparência dos objetos, pois a verdade não é uma coisa tão evidente, mas algo recôndito, escondida sob a pele da mentira. Segundo o pintor russo Kandinsky, o azul tem uma carga de profundidade permeada por uma gravidade solene supraterrânea.

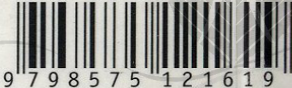
Consiste a poesia de Penafort num itinerário dessa busca do sentido interior, orgânico da vida. O azul é o símbolo, a expressão dessa verdade que pretende alcançar, projeção da felicidade, da pureza, da paz que não encontrara no mundo. O poeta vivia no limite do ser, compreendia que a renúncia, o não-ser, era uma condição para se chegar ao azul.



de azul, azul demais é a luz dos olhos  
que espiam em constante claridade  
o escorrer, como um rio, uma cidade  
com seus becos e sombras – vão mistérios.  
estranhamente azul é a luz dos olhos  
que se alçam como pássaros – aéreos  
de azul e luz – suspensos de saudade;  
e de onde escapa um rio (o rio outro)  
cujo leito é de sal e de agonia,  
por sobre cujas águas não flutua,  
embora em desespero, a luz do dia.  
é noturno esse olhar? quem sabe a imagem  
daquilo que entre gritos se anuncia  
e em silêncio acontece – e se faz lua.



ISBN 85-7512-161-8



9 798575 121619



**UniNorte**  
Centro Universitário do Norte







## **AVISO**

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.  
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO  
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL  
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A  
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO  
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

**FONE: (92) 2125-5330**

**FAX: (92) 2125-5301**

**EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)**



Secretaria de  
**Estado de Cultura**



**CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA**